

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

**ADOLESCENTE E SEU RELACIONAMENTO
COM A FAMÍLIA**

MARIA DE NAZARETH GOMES

**GOIÂNIA
2007**

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO
E JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

**ADOLESCENTE E SEU RELACIONAMENTO
COM A FAMÍLIA**

MARIA DE NAZARETH GOMES

**REZENDE BRUNO DE AVELAR
PROFESSOR/ORIENTADOR**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Adolescência e Juventude no mundo contemporâneo como requisito para grau de especialista.

**GOIÂNIA
2007**

DEDICATÓRIA

Dedico este meu trabalho aos/as adolescentes de Anápolis e Silvânia, que de formas variadas, em tempos diferentes, estão presentes na história, dando à vida um colorido especial. Por vocês eu abracei este desafio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Inspetoria Madre Mazzarello pela oportunidade a mim concedida. À minha comunidade pelo apoio e estímulo. Aos meus colegas de curso, a acolhida, atenção e carinho. Aos/as adolescentes, minha paixão colorida, causa única do meu empenho, dedicação e interesse neste curso. Aos meus professores pela dedicação e envolvimento na tarefa de nos orientar no processo de aprendizagem, pela amizade, pelo carinho. Ao Professor Rezende Bruno de Avelar pelo interesse, atenção e cuidado no acompanhamento na construção deste trabalho.

Aos funcionários da CAJU pela acolhida, atendimento e atenção.

Em todo jovem, mesmo o mais infeliz, há sempre um ponto acessível ao bem. A primeira obrigação do educador é descobrir este ponto, esta corda sensível e fazê-la vibrar.

São João Bosco

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões e pesquisas sobre o/a adolescente e seu relacionamento com a família percebendo as influências que um tem sobre o outro. O relacionamento entre adolescentes e suas famílias é atingido profundamente pelas influências da sociedade pós-moderna e pelas transformações físicas e psicossociais próprias desta idade. Para melhor entendimento de como acontece este relacionamento, o trabalho inicia partindo de algumas conceituações, apresentando de um modo mais detalhado o fenômeno da puberdade, fenômeno este muito importante nesta etapa. A família, como primeiro espaço de socialização do/a adolescente, responsável pela formação de hábitos e aquisição de valores, que sofre também as influências da sociedade pós-moderna, compete com a mídia, com a “turma”, com o mundo virtual e nesta competição enfrenta conflitos e violências fora e dentro de si. Anda um pouco sem rumo, sem ponto de referência, sem saber como agir com o filho/a adolescente. O/a adolescente, por sua vez, quer uma família diferente, onde haja mais comunicação, união, respeito, escuta, aceitação das diferenças e participação nas discussões e decisões da família. A adolescência não é só desafios e problemas. É também uma etapa de grandes oportunidades. É nela que o/a adolescente inicia a construção de sua identidade, buscando a sua autonomia. Com a intenção de ouvir adolescentes e famílias, a metodologia usada na pesquisa é qualitativa, realizada através de rodas de conversa, convivência, atendimentos individuais, dinâmicas, conversas informais com coordenadores, professores e pais. O trabalho considera a escola como mais importante parceira da família nesta etapa.

Palavras chaves: adolescência - adolescente - família - relacionamento

ABSTRACT

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 O DESPERTAR DA VIDA	12
1.1 A Puberdade	13
1.2 Adolescência.....	15
1.3 Adolescência no contexto Pós Moderno	19
1.4 Adolescente também faz história	21
1.5 Descobrimo-se e descobrimo o mundo	22
1.6 Crise da Adolescência	23
1.7 Distúrbios de comportamento	25
1.8 Ouvindo os/as adolescentes com relação a si mesmos e à família	28
2 A FAMÍLIA MARCA PRESENÇA NA ADOLESCÊNCIA.....	33
2.1 A Família e sua longa trajetória	33
2.1.1 Conceituação	34
2.1.2 Estrutura familiar	35
2.1.3 Funções da família.....	37
2.2 A família no contexto Pós-Moderno	39
2.3 Conflitos e violência na família do/a adolescente	41
2.4 Ouvindo as famílias com relação a si mesmas e seus filhos/as adolescentes.....	47
3 A DOR QUE DÓI E A VIDA QUE BROTA NA ADOLESCÊNCIA.....	50

3.1	Depressão na adolescência.....	50
3.2	A gravidez na adolescência	53
3.3	Adolescência, família e drogas	56
3.4	A vida que brota na adolescência - Construção da Identidade	60
3.4.1	Níveis da identidade	61
3.4.2	Perdas necessárias na construção da identidade.....	63
3.4.3	Elementos na construção da identidade	65
3.4.4	Crise de identidade	66
3.5	Novos tempos, novas famílias, novas relações	69
3.6	Relacionamento entre pais e filhos	72
3.7	Família, adolescente e escola.....	75
3.8	Redescoberta da família como espaço de bem estar	78
3.9	Ouvindo os clamores dos/as adolescentes.....	80
	CONCLUSÃO.....	83
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	87
	BIBLIOGRAFIA	89
	ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa e estudo teórico é uma reflexão que relaciona adolescência e a instituição família.

Tem-se por objetivo conhecer mais de perto como se dá o relacionamento entre adolescentes e pais e apontar algumas pistas para que estas relações sejam mais eficazes. O trabalho traz algumas conceituações apresentadas por estudiosos desta etapa.

Pretende-se refletir a influência que a família exerce sobre o/a adolescente, como o/a adolescente influencia nas relações familiares e como ambos vêem esta situação.

A família, apresentada, é considerada em suas múltiplas formas de estrutura, incluindo a família homossexual que vem surgindo na sociedade, embora não tenha encontrado esta forma de família entre os/as adolescentes observados.

Procura-se entender a maneira como o/a adolescente age na busca da autonomia e identidade, que aliás, é uma marca forte nesta etapa.

Parte-se das seguintes hipóteses:

- O relacionamento entre adolescentes e seus pais, tornou-se uma situação conflitiva.
- Vários fatores influenciam no relacionamento familiar: o econômico, social, político, afetivo, cultural e a mídia que provoca a globalização.
- O/A adolescente não rejeita a instituição família, e até a reconhece como necessária, mas rejeita a forma como se apresenta.

- As relações familiares influenciam o/a adolescente na construção social de sua identidade e autonomia.
- Há uma nova experiência possível de relacionamento entre os/as adolescentes e suas famílias, que marca um novo jeito de conviver e de se expressar.

A adolescência é uma etapa de profundas transformações físicas e psicossociais, início de busca de autonomia e identidade, passando por conflitos consigo mesmo e com a meio onde está inserido. Isto faz com que este tempo seja de altos e baixos, euforia e desânimo, desentendimentos com autoridades, busca de "sua turma" onde as diferenças se identificam.

O primeiro capítulo se propõe a dirigir o olhar para o/a adolescente, tentando conceituar a adolescência, diferenciar a puberdade da adolescência e reconhecer suas profundas e inegáveis relações. Apresenta pensamentos de vários estudiosos desta etapa que tem dedicado suas pesquisas a um entendimento mais profundo de seu comportamento e de suas relações consigo mesmos, com a família e com a sociedade. Apresenta os distúrbios de comportamento próprios da adolescência e a influência que o/a adolescente sofre do contexto pós-moderno e que, muitas vezes, desconcertam os pais. Relata também o que os/as adolescentes pensam sobre si mesmos e sobre a família.

O segundo capítulo detém na reflexão sobre a família que marca presença na adolescência. Sua influência pode ser positiva ou negativa, dependendo de sua atuação na condução do processo da adolescência de seu/sua filho/a. Considera-se as variadas formas de estrutura familiar, neste contexto pós-moderno e os desafios que devem enfrentar na educação do/a filho/a adolescente. Conflitos, violência, situação financeira que faz dos pais os grandes ausentes na família, deixam as

famílias desorientadas na educação do/a filho/a. A família não está preparada para a educação de seu/sua filho/a adolescente. Não sabe lidar com tantas mudanças, transformações, rebeldia, depressão e ainda enfrentar a disputa da mídia na sua prática educativa.

O terceiro capítulo se dedica a uma observação e reflexão mais particular sobre os grandes sofrimentos do/a adolescente: depressão, gravidez precoce, droga, crise de identidade, as perdas necessárias para a construção de sua autonomia e identidade, a influência do “grupo de amigos” e da mídia.

No entanto, há um grande florescer de vida nesta etapa: é a construção da identidade. O/a adolescente, aos poucos vai se entendendo e encontrando o seu espaço pessoal e íntimo, social e profissional. Suas relações com a família vão se amadurecendo no diálogo, na participação e no compromisso. É o caminho rumo ao jovem adulto.

Mesmo rodeada de dificuldades e desafios a família permanece sendo apontada pelos/as adolescentes como espaço de bem-estar, segurança, afeto, cuidado e acompanhamento.

A escola é uma importante parceira da família, pois é aí que o/a adolescente passa uma boa parte do seu dia. Juntas são responsáveis pela educação ao afeto, ao respeito, à cidadania, à participação. A escola deverá oferecer uma metodologia mais adaptada a esta idade aberta ao associacionismo, à participação do/a adolescente na construção de seu conhecimento individual e coletivo.

No final, é trazida uma conclusão sobre o assunto, chegando logicamente a afirmar a constatação das hipóteses levantadas.

1 O DESPERTAR DA VIDA

“Há de se cuidar do broto pra que a vida dê flor e fruto”.

Milton Nascimento

É desafiador falar sobre a adolescência devido à variedade de conceituações elaboradas por pesquisadores e estudiosos desta etapa da vida.

O que se percebe é que a cabeça do/a adolescente é um trabalho em andamento. Quase tudo está alterando, e não apenas mudando de tamanho. Essas mudanças explicam muitas das crises do processo de amadurecimento. Há um amadurecimento no cérebro do/a adolescente e não só no físico. Muitas vezes, acentuamos muito as mudanças físicas e emocionais na adolescência chegando mesmo a tratá-la como idade de crise, quase de um modo patológico, quando deveríamos considerá-la como uma das fases mais ricas da vida.

O/a adolescente reelabora as experiências feitas nas idades anteriores, abrindo caminho que o levará ao jovem adulto.

Piaget admite um desequilíbrio na adolescência. Afirma porém, que “este desequilíbrio está presente não só nesta etapa, mas em toda passagem de um estágio para outro” (PIAGET, 1989, p. 61).

O mesmo autor, afirma que somente depois dos 11 a 12 anos, é que se torna possível a construção dos sistemas que caracterizam a adolescência: o pensamento e suas operações e a afetividade incluindo o comportamento social (PIAGET, 1989, p. 62).

É muito comum relacionar a adolescência com drogas, sexo, educação,

problemas de limites, problema com autoridade, violência, delinqüência. Mas, afinal! O que significa adolescência? É possível chegar a um consenso a respeito desse conceito? Pode-se pensar adolescência como se pensava tempos atrás?

Existe, na literatura voltada para os estudos sobre a adolescência, uma vasta bibliografia que busca definir o fenômeno, contudo, encontra-se reflexões que apontam para controvérsias passíveis de debates e questões interessantes. São reflexões e não questões fechadas e conclusivas.

Não se pode confundir puberdade com adolescência, embora estejam muito interligadas. As considerações que se seguem ajudam a clarificar os conceitos sobre estas duas realidades presentes na adolescência.

1.1 A Puberdade

A puberdade é marcada por significativas mudanças biológicas e psicossociais. É justamente neste período que acontece simultaneamente maior distanciamento do filho em relação aos pais e maior busca de novos laços afetivos fora de casa.

A palavra “puberdade” é de origem latina e significa sinal de pêlos, barba, penugem.

A puberdade é início de um desenvolvimento corporal, com traços fisionômicos e aspecto físico geral do/a adolescente que exerce grande influência sobre a formação de sua auto-imagem. Tem um aspecto universal e biológico que é caracterizado por modificações visíveis: crescimento de pêlos pubianos, aumento da massa corporal, desenvolvimento das mamas, evolução do pênis, menstruação.

Outeiral (1994, p. 5) define puberdade, considerando-a como um processo biológico caracterizado pela produção de hormônios que vão provocar mudanças físicas notáveis:

Puberdade é um processo biológico que inicia, em nosso meio, entre nove e catorze anos aproximadamente e se caracteriza pelo surgimento de uma atividade hormonal que desencadeia os chamados caracteres sexuais secundários!

Esses traços físico-biológicos, no caso das meninas, se iniciam, em geral, entre 11 a 14 anos, variando esse período de pessoa para pessoa. Tem início com a menarca que coincide com o surgimento de uma série de transformações do corpo. Geralmente, a menina, a partir dos 10 anos, cresce vários centímetros em pouco tempo, sua cintura se afina, os quadris se alargam, os seios começam a crescer e surge uma leve pilosidade no púbis e nas axilas. Ao mesmo tempo as glândulas sudoríparas se desenvolvem, tornando o odor do corpo mais intenso provocando maior sudorese nas axilas. Tudo isso traz um certo desconforto e sensação de insegurança e inquietação na menina, culminando com a primeira menstruação, que no início, tem ciclos muito irregulares. Essas transformações são resultado da atividade dos ovários, sobre os quais atuam a hipófise.

No menino, as transformações começam um pouco mais tarde, mais ou menos aos 13 anos e são muito mais demoradas do que nas meninas. Nota-se aumento no tamanho dos órgãos genitais, o nascimento da barba e o aparecimento de pêlos na região pubiana, nas pernas, nos braços e no peito. O crescimento dos pêlos depende da genética e varia muito de pessoa para pessoa. Acontece também a modificação da voz que fica mais grave. O esqueleto se alonga, os músculos se enrijecem, o tronco e os membros alargam e a pele se torna muito mais gordurosa, favorecendo o aparecimento de acne. É nesse tempo que os meninos já podem ter

sua primeira ejaculação.

Essas alterações hormonais despertam a sensibilidade sexual e conseqüentemente, é neste período que muitos/as adolescentes começam, esporadicamente, a ter relações sexuais. Segundo Erikson, nesta fase, o “apaixonar-se” não constitui uma questão sexual. “O amor adolescente é uma tentativa para se chegar a uma definição da identidade própria, mediante a projeção de uma imagem difusa da própria pessoa numa outra, vendo-a assim refletida e gradualmente aclarada” (ERIKSON, 1987, p. 132).

Todas essas modificações físicas exercem uma grande influência sobre a formação da auto-imagem do/a adolescente e tanto no menino como na menina são sentidas as mudanças psicossociais.

No período da adolescência-puberdade, as pessoas enfrentam exigências novas e, às vezes, drásticas. Fazer tudo o que fazem os adultos não podem, nem podem fazer coisas de crianças, pois o/a adolescente não é nem um nem outro. Entre meninos e meninas, da mesma idade, surgem abismos intransponíveis, pois os ritmos de amadurecimentos para os meninos e para as meninas são diferentes. Isso pode gerar conseqüências psicossociais importantes (BALLONE, 2003, on-line).

Percebe-se que a menina amadurece mais cedo do que o menino, mas isto não quer dizer que a adolescente enfrenta menos desafios e dificuldades. Esta situação de indefinição pode-se identificá-la com o início da busca de identidade.

1.2 Adolescência

Nem todas as sociedades possuem um conceito de adolescência, mas há muitas tentativas de se defini-la. Cada cultura conceitua adolescência baseando nas diferentes idades para definir esta etapa da vida humana. No Brasil, o Estatuto da

Criança e do/a adolescente definiu esta fase como característica dos 13 aos 18 anos.

O termo “adolescência” é de origem latina: “adolescere” que significa crescer. É, portanto um período de crescimento, não apenas físico, mas intelectual, psicossocial, religioso, moral e ético. Esse período entre a infância e a idade adulta, traz consigo um conjunto especial de dificuldades de adaptação por causa das mudanças que ocorrem em todos os sentidos. Fernanda P. Novello apresenta a adolescência como um período cheio de modificações significativas e vitais que podem gerar inquietação, inseguranças e um certo desconforto. “Por adolescência entendemos aquela fase em que ocorrem modificações globais no indivíduo, intensas, desarmônicas e geradoras, portanto, de grandes inseguranças.” (NOVELLO, 2004, p.13).

Essas modificações citadas pela autora estarão ligadas ao aparecimento de hormônios fabricados pelo próprio organismo na puberdade, como já foi considerado neste capítulo e também ao aparecimento da depressão na adolescência da qual falaremos no terceiro capítulo.

Ballone (2003, on-line) considera a adolescência além de um fenômeno físico. No seu artigo, “A Adolescência e Puberdade 1”, ressalta o papel social e cultural desta fase:

A adolescência, por sua vez, é uma atitude cultural. A adolescência é uma atitude ou postura do ser humano durante uma fase de seu desenvolvimento, que deve refletir as expectativas da sociedade sobre as características deste grupo. A adolescência, portanto, tem um papel social. Esse papel social da adolescência, parece sempre ter sido simultâneo à puberdade.

A adolescência é muito mais ampla do que a puberdade. Hoje, considerando o papel social da adolescência, constatamos que crianças assumem o

papel de adolescentes e estes, por sua vez, assumem papel de adulto. Essa adolescência precoce arrasta consigo a puberdade precoce, principalmente a feminina, com meninas de 9-10 anos menstruando e desenvolvendo seios. Pode acontecer também o contrário. Adolescência e puberdade tardias. Em ambos os casos é preciso cuidar com carinho do/a adolescente para que passe por este período com tranquilidade e de um modo saudável.

A adolescência não se explica apenas como sendo fruto da interferência do biológico humano (puberdade) no papel social da pessoa, mas tem-se que explicar a puberdade precoce das crianças como sendo a interferência do social no biológico. Há uma interferência do social no biológico, e da adolescência sobre a puberdade.

Rubem Alves, quando escreve para pais e adolescentes, distingue dois tipos de adolescência:

a etária, que é um período de vida, que considera de 13 a 19 anos. Sempre existiu. Todos passam por ela. É um fenômeno individual, normalmente se cura por si mesmo, raramente deixa seqüelas. É caracterizada por transformações físicas e psicológicas. O segundo tipo é a adolescência **"otária"**. Apresenta graves sintomas. É um fenômeno cultural moderno, de natureza essencialmente coletiva e se caracteriza por uma perturbação nas faculdades do pensamento, perda de contato com a realidade, alucinações psicóticas, que assumem a forma de zombaria social sob a forma de pichações de muros, casas, monumentos, prédios públicos e até rachas em alta velocidade que freqüentemente tem um final trágico (ALVES, 1999, p. 16).

O segundo tipo de adolescência apresentado por Rubem Alves, pode ser considerado como a manifestação, a expressão de uma adolescência etária mal conduzida, mal orientada. É na concepção de BALLONE, o papel social da adolescência. É uma postura do/a adolescente frente à sociedade, porém de um modo doentio e cruel.

Rubem Alves, ainda compara os/as adolescentes com as maritacas.

Essas andam sempre em bandos, são todas iguais, gritam todas ao mesmo tempo e não se importam com a direção em que estão indo.

De fato, os/as adolescentes têm horror à solidão. Têm horror da casa porque estão separados do bando. Rompem com os pais e se ligam ao bando, daí a necessidade e o exagero no uso do celular. Falam sem saber o que estão falando e nem importa o que ouvem. O que importa é ter a sensação de não estar sozinho. Vestem iguais para as festas. Tênis da mesma marca. Os jeans, da mesma grife. As lojas de conveniência são o templo onde celebram as suas igualdades.

Gritam todos ao mesmo tempo, dizem sempre as mesmas coisas, dizem sempre iguais, sem parar, temos o exemplo das gírias. E nem se preocupam, porque ninguém escuta mesmo. Para onde vão? Não importa. O que importa é o "agito" enquanto vão (ALVES, 1999, p. 18).

De vários ângulos, ponto de vista, espaço de pesquisa, os estudiosos e pesquisadores se voltam para a adolescência. Há variedade nos enfoques de um mesmo fenômeno. Alguns focalizam mais as mudanças físicas e biológicas, outros, acentuam o aspecto intelectual e social, outros emocionais. Mas, todos têm um ponto em comum: a adolescência é um período que separa a infância do jovem adulto, variando os anos de início e fim.

É bom ressaltar que a adolescência tem seu lado bom bastante esquecido no dia-a-dia dos pais e educadores. Não é marcado apenas por dificuldades, crises, mal-estar, angústia. Abandonando a atitude infantil e ingressando no mundo adulto, acontece uma série de acréscimos no rendimento psíquico. O cérebro, por exemplo, é mais capaz e rápido nas elaborações mais complexas; a atenção se apresenta com maior concentração e melhor seleção e evocação; a linguagem torna-se mais completa e complexa com o aumento de vocabulário e da expressão. É claro que tudo isto refletirá nas relações familiares.

1.3 Adolescência no contexto Pós Moderno

Não se pode pensar adolescência hoje como se pensava tempos atrás. Sua forma de ser, de se expressar está profundamente influenciada pelo contexto pós-moderno. O fenômeno da adolescência emerge na sociedade atual com mais força ainda. Basta observar os espaços por onde transitam, surgidos por todos os lados, com expressões bem definidas e variadas.

A identidade do/a adolescente tem uma duração fixada no tempo e no espaço e varia de acordo com a cultura e a época.

Alguns estudos mostram que há sociedades, nas quais a adolescência ocorre de modo aparentemente tranqüilo. Isto não significa que tal transição seja igualmente calma e sem problemas, em sociedades mais avançadas.. Há pelo contrário, indícios de que a complexidade do processo de preparação para a vida adulta nestas sociedades, o acúmulo de exigências a serem satisfeitas pelos/as adolescentes, a intranqüilidade e as incertezas do mundo no qual devem viver, são fatores que tendem a fazer da adolescência, na sociedade atual, um período marcado por confusão social, tensões e problemas. Existem naturalmente, variações individuais. Tanto a cultura de um modo geral, como os pais em particular, podem facilitar ou dificultar a transição/a adolescente.

Pensar na adolescência requer um esforço de releitura do mundo. O/a adolescente tem seu modo de ler o mundo, capacidade de criar uma cultura diversificada, abordar a realidade de forma diferente, viril, inteirado entre som/palavra/imagem, estão mais dispostos e capazes a desenvolver a atenção a várias atividades: som/internet/celular/IPod/Orkut ao mesmo tempo do que a atividades

isoladas e rígidas (FEIXAS, 2000).

A adolescência pode ser considerada a geração @, ou seja, geração da era digital. Uma das características da era digital é a de se permitir reprogramar constantemente o início, o final, a duração e ritmo de uma atividade: cria-se um **tempo virtual**, cuja realidade depende do ambiente em que é produzida. O/a adolescente conecta-se a tempos múltiplos e se move em medidas de tempo. Subverte-se a concepção cíclica do tempo e o consumo passa de um espaço local a um espaço global, devido às múltiplas possibilidades que abrem as redes de conexão com o planeta (FEIXAS, 2000, p. 13).

É certo que o acesso à multimídia não constitui a maioria dos/as adolescentes, numericamente falando. Mas, certamente a tecnologia causa um impacto comportamental amplo, diversificado e complexo nos/as adolescentes de todos os seguimentos sociais. A possibilidade de acesso às novas tecnologias chega até às favelas, produzindo saberes diferenciados e provocando mudanças culturais. A capacidade de comunicação torna-se um imperativo e condição de sobrevivência e a apropriação das novas tecnologias e códigos lingüísticos, fazem dos/as adolescentes os novos atores sociais.

Sem dúvida, a globalização, para os/as adolescentes de classe econômica desfavorecida, aprofundará mais ainda os sulcos de sua exclusão social.

Entrar no mundo da adolescência torna-se um desafio, porque coloca a família, educadores, a sociedade em estado de permanente atenção às mudanças culturais, produzidas pelos/as adolescentes e jovens em contato com seus grupos “reais” de pertença, com grupos “virtuais” que se estabelecem em rede, em telecidades, gerando uma telecidadania, muitas vezes, oposta a cidadania requerida na sociedade onde passa grande parte de seu tempo.

É importante considerar os espaços onde se movem os/as adolescentes, considerá-los nômades, com uma grande capacidade de transitarem por diversos mundos ao mesmo tempo.

A pós-modernidade traz o culto ao prazer, ao consumo, ao bem estar, à provisoriedade, ao ceticismo, ao poder e tudo isto toca de cheio o dia-a-dia de um/a adolescente.

1.4 Adolescente também faz história

Do seu jeito e com todo o seu dinamismo, interno e externo, o/a adolescente constrói a sua história. Esta história é tão marcante que quando, já adulto, lembra-se dela, às vezes com boas recordações, às vezes com mágoa.

Sua história é feita de descobertas de si e do mundo e uma mistura de sentimentos: agressão, raiva, disputa, contestação, amizade, carinho, amor e momentos de contradições. Sente-se poderoso e sabido. Não está muito preocupado com o diálogo com os adultos. Gosta mesmo e se sente bem é com a sua turma. Porém, começa a pensar na sua singularidade e se pergunta: quem sou eu? Não sou criança, não sou adulto? É o despertar do interesse de ter uma identidade.

O vulcão de descobertas, transformações físicas, psicossociais desorientam o comportamento do/a adolescente que o tornam muitas vezes anti-social, desrespeitoso, desobediente, altivo, tornando-se um pesadelo para os pais e educadores. Estes, por sua vez, sem a qualificação necessária para conviverem e cuidarem de adolescentes tornam-se um pesadelo para os filhos e educandos.

O/a adolescente, apenas precisa de cuidado, de alguém que o ame de verdade e o acompanhe nesta etapa tão rica de experiências.

1.5 Descobrimo-se e descobrimo o mundo

O desenvolvimento corporal, os traços fisionômicos e o aspecto físico geral do/a adolescente exercem grande influência sobre a formação de sua auto-imagem. Essas modificações são de extrema importância para seu ajustamento pessoal e social. O/a adolescente reconhece e assume sua aparência e suas características físicas.

Com tudo o que é bom na adolescência, visto neste capítulo, e com as transformações que o diferencia da fase infantil, o/a adolescente sente uma típica inflação do ego. Com o ego engrandecido, percebe-se sua altivez e independência da experiência e aconselhamento dos mais velhos. Achando que “pode tudo”, se rebela e elabora um conjunto de valores inusitados e quase de propósito, contrários aos valores até então tidos como corretos.

Quando o ego adolescente dá de frente com forças contrárias, é inevitável a disputa de poder. Se o confronto for de maneira saudável, o/a adolescente internaliza o valor de maneira saudável, que passará a fazer parte de sua identidade. Se o confronto for conflitivo, perderá seu valor e o processo perde sua função, apenas dando lugar à mágoa, ressentimento que normalmente descarregam sob a forma de agressão, raiva, disputa, contestação. Neste momento a autoridade é o principal alvo. Questiona pais, professores, pastor, padre. Para o/a adolescente, este confronto é importante e saudável, porque demonstra que seu psiquismo está se desenvolvendo.

Para Rubem Alves, esta sensação de poder, vindo das grandes transformações físicas e biológicas, recorda a mitologia bíblica em que Sansão é o

símbolo da força e do poder, poderes esses, vindos dos seus cabelos:

A importância psicológica dos pêlos ainda não foi suficientemente analisada. Minhas investigações clínicas sobre o assunto levam-me a uma curiosa descoberta: são eles os responsáveis por uma síndrome característica da adolescência, ainda não descrita nos compêndios científicos. Eu a batizo com o nome de 'Síndrome de Sansão (ALVES, 1999, p. 25).

Essa "Síndrome de Sansão" é entendida como a perturbação mental que leva os/as adolescentes a identificar o crescimento de seus pelos com o crescimento da força e do poder. Esta ilusão é confirmada, na cabeça deles, pelo desenvolvimento e crescimento dos órgãos genitais. Não são mais crianças: além do crescimento dos pêlos, há a crescimento do corpo.

1.6 Crise da Adolescência

Crise é a oportunidade de crescimento. É o estado de dúvida e incerteza. Portanto, é um estado de transição, de tomada de posição diante da vida, da realidade que requer uma certa capacidade de julgamento.

Segundo Novello (2004, p. 38), "O termo 'crise' vem do grego 'crino', que quer dizer: separar, distinguir, dividir. Portanto, pode também exprimir e significar ponto de separação, de divisão, de mudança de direção".

Todo crescimento e amadurecimento são precedidos de uma crise que abrange o aspecto biológico, psicológico, espiritual e social.

O rompimento com a infância é difícil e doloroso, mas necessário para que o/a adolescente construa a sua própria identidade.

A crise é, pois, a manifestação mais ou menos intensa de um conflito interno entre duas tendências: a do passado e a do futuro. O/a adolescente encontra-se diante de alguma coisa que é nova, portanto, oportunidade de progresso, crescimento, mas não quer reconhecer e aceitar de imediato. Esta situação está ligada a duas tendências que existem dentro de nós: a adaptação e a evolução, que correspondem à acomodação e ao avanço. O impulso para o crescimento e amadurecimento perturba o ponto de equilíbrio e cria um conflito entre a força evolutiva e a tendência à estabilidade.

Aos poucos, o/a adolescente vai entendendo e assumindo a maturação interior, que é um crescimento subjetivo, verdadeiro e próprio, um despertar gradual da consciência, independente do desenvolvimento biológico. Por constatar um crescimento e progresso dentro e fora da pessoa, a crise é benéfica e leva a uma tomada de direção diante da vida.

Alguns têm uma adolescência longa e turbulenta. Outros, a enfrentam com maior rapidez e tranquilidade e muitas vezes tornam-se até mais conscientes.

A fase da adolescência torna-se um período mais acentuado e consciente devido ao intervalo ampliado do tempo entre o começo da vida escolar e o acesso do jovem na dinâmica do trabalho. Esse intervalo é provocado pelo progresso tecnológico, e em algumas culturas, em certos períodos, aconteceu de passar a ser quase um modo de vida entre infância e idade adulta. Nos últimos anos de escolaridade, os/as adolescentes e jovens, assediados pelas modificações fisiológicas de sua maturação genital e a incerteza do papel adulto que terá de assumir, parecem preocupados com as tentativas do estabelecimento de uma sub-cultura adolescente, o que parece ser mais uma etapa final do que transitória, ou, de fato, início da construção da identidade..

Os/as adolescentes preocupam-se com a própria visibilidade social:

com o que vão parecer aos olhos dos outros, em comparação com o que eles próprios julgam ser. Preocupam ainda com a questão de como associar os papéis e aptidões cultivadas anteriormente com os protótipos ideais, que tornam para eles ponto de referência. Buscando um novo sentido de continuidade e uniformidade, que inclui agora a maturidade sexual, alguns adolescentes enfrentam de novo as crises das etapas anteriores e podem estabelecer ídolos e ideais duradouros como guardiães de uma identidade final (ERIKSON, 1987, p. 129).

Não é fácil constatar e caracterizar quando se passa da adolescência para a fase da juventude adulta, que abrange um período de vários anos na sociedade contemporânea, tempo em que o jovem, conforme Erikson (1987, p. 157), vive um tempo de “moratória psicossocial”, durante o qual se experimenta as várias alternativas e se antecipam os compromissos adultos, com a tolerância por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem. Entretanto, conduz, freqüentemente, a um empenho profundo, ainda que transitório, por parte do jovem.

Em toda esta fase, o/a adolescente e jovem estão empenhados na construção de sua identidade, ou seja, consciência de sua singularidade individual. Precisa descobrir e definir para si de que maneira ele é: como todas as outras pessoas; como algumas pessoas; como nenhuma outra pessoa.

Uma pessoa com uma identidade equilibrada se reconhece única dentro da sociedade com um passado, um presente e um futuro particular, mas inserido numa sociedade e sistema cultural, consciente de que é sujeito a ser influenciado pela mesma sociedade, do mesmo modo como deve trilhar o caminho com as próprias decisões e ações responsáveis.

1.7 Distúrbios de comportamento

As perturbações de conduta no/a adolescente deverão sempre envolver

um cuidadoso processo diagnóstico a fim de que se possa, realisticamente, avaliar as dificuldades e potencialidades dos mesmos, seus aspectos sadios e suas dificuldades. O meio ambiente familiar e social também deverá ser considerado.

Os distúrbios apresentados não são considerados patológicos e sim, o modo como o/a adolescente tenta se expressar, em situação de conflito consigo mesmo e com o mundo. São passageiros e se bem conduzidos não deixarão seqüelas. Há casos patológicos, que Rubem Alves (ALVES, p.16, 1999), chama de “adolescência otária”, que se persistem ou se apresentam em alta violência, com atitudes anti-sociais, devem ser encaminhados a psiquiatras.

Dentre os distúrbios de comportamento vamos destacar alguns, os mais comuns entre os/as adolescentes:

- **Desobediência** - O/a adolescente não aceita ordens e nem admite ser mandado. Sente-se ultrajado e humilhado toda vez que percebe que esperam dele um ato de obediência. A verdade é que não se aceita e nem aceita os outros. Reage a tudo ostensivamente. Necessita afirmar o seu eu e seu espaço. Sente interiormente que precisa declarar a sua independência por ter sido vítima da autoridade e poder até agora.
- **Mentira** - O/a adolescente usa a mentira como tapeação, para conseguir o que deseja. A mentira é uma arte muito difícil, porque nunca vem só. Traz quase sempre um estado de tensão, porque é preciso evitar que a verdade apareça. Tanto as mentiras, como a exigência indiscriminada da verdade, são mecanismos compensatórios de auto-afirmação.
- **Inveja** - a vida familiar e social cria ocasiões para fazer comparações que geram no/a adolescente a inveja, e não só em adolescentes, mas também em

adultos. É comum a inveja na adolescência porque vê os adultos e quer ser como eles, pessoas felizes e tranqüilas, enquanto o/a adolescente vive em tempestade. O que a outra pessoa possui, e o/a adolescente não, provoca nele o sentimento de falta e de incompetência e implica admiração, atração, identificação, hostilidade, inferioridade, repulsa, ciúmes, numa ambivalência complexa que faz surgir as frustrações.

- **Agressividade** - é uma das características mais comuns na adolescência. São desencadeadas por motivos insignificantes, ou por pequenos contratempos. Aparece como reação à limitação de um desejo, ao menor impedimento a seus impulsos, ou, de modo geral, por qualquer coisa que o contrarie. Quer mostrar-se forte tentando impor sua vontade. Porém, não sabe argumentar a seu favor, defender seus pontos de vista.
- **Egocentrismo** - Só quer receber dos outros. Não consegue retribuir, como se o mundo tivesse obrigação de dar-lhe coisas e atenções. Coloca-se no centro e acha que tudo está a seu dispor. Acha que ninguém o compreende, sente-se abandonado, mas permanece fechado em si mesmo. É muito comum, neste período o exibicionismo com a intenção de ser o centro, para ser aceito e valorizado.
- **Devaneio** - Parece ter seu próprio mundo de fantasias e sonhos. Muitos problemas, e complexos. Seu próprio comportamento o assusta, trazendo-lhe inseguranças. A necessidade sexual começa a surgir forte e de maneira descontrolada, baseada principalmente na satisfação de sua curiosidade. A contestação dos valores que lhe foram impostos é forte. Crise da não-aceitação dos adultos. Não é criança nem adulto. O mais fácil para se livrar de tudo isto é partir para a fantasia, para os sonhos. O mundo da ilusão é o

melhor lugar para viver, fugir da realidade que é complexa e difícil.

- **Inatividade** -Tende ficar no quarto e não quer ser amolado. Dorme até tarde e a qualquer hora. Seus desejos e sonhos são bloqueados, acaba optando por não fazer nada. Se sente muito cansado sem fazer nada. É um estado de fadiga crônica devido a insuficiência glandular, respiratória, metabólica ou circulatória, perfeitamente normal da adolescência. Com o rápido crescimento físico, o corpo gasta muita energia e precisa cada vez mais dela para continuar crescendo. É por isto que o/a adolescente se sente cansado.
- **Insegurança** - O sentimento de insegurança pode gerar no/a adolescente a insatisfação de viver e o impede de agir eficientemente. Sente esta Insegurança em relação às pessoas, às coisas ou aos lugares. A crise desta etapa, faz com que o/a adolescente se sinta inseguro com relação ao seu desenvolvimento e com seus problemas de ajustamento. Esta insegurança existe por falta de conhecimento de si mesmo, do que pode ocorrer, das dúvidas, da timidez e do corte da dependência dos pais como na infância, que lhe trazia segurança e que agora deve se virar. Tudo isto o assusta profundamente. A insegurança é tanta que o/a adolescente se relaciona com medo de sentir-se inadequado e ridicularizado. Quer ser mais sociável, mas não sabe como fazê-lo (NOVELLO,2004, p.41).

1.8 Ouvindo os/as adolescentes com relação a si mesmos e à família

Através de observação, roda de conversas e contatos pessoais, foi possível perceber e sentir a situação dos/as adolescentes que freqüentam a Escola

Estadual Patronato Madre Mazzarello, em Anápolis, Escola Estadual Inst. Maria Auxiliadora, em Silvânia e Centro Juvenil Laura Vicuña, também em Anápolis, Estado de Goiás.

Incluindo todas as atividades, atingimos uma média de setecentos adolescentes de 12 a 18 anos.

É comum a insegurança nesta etapa e a dificuldade de expressar seus sentimentos, suas dúvidas e angústias. Definem a adolescência como uma idade “chata”, “a gente sente emburrada, sozinha, dá vontade de chorar sem saber porque. “É muito chata é muito ruim a adolescência” (*R 13 anos*). “A gente tem muita preocupação. Porque quando a gente era criança, a mãe dava comida, cuidava da gente. Agora não. A gente tem que se virar. Eu não quero ser adolescente. É muito ruim.” (*A 13 anos*).

Alguns reclamam dor de cabeça, mal estar, muito sono, preguiça e cansaço.

Gostam de uma bola, de filmes de terror e alguns disserem que gostam de filmes pornográficos. “Gostariam de ter mais liberdade para andar de moto, ir a salões de dança, mas a gente é de menor” (*A 14 anos*).

Recusam ter que tomar decisões, mas ao mesmo tempo sustentam uma atitude de rebeldia, desobediência e, às vezes, cínica. Os que têm irmãos menores, sentem ciúmes e não gostam de cuidar dos irmãozinhos, “porque são muito chatos” (*A 14 anos*). “Minha mãe só liga para o meu irmãozinho e briga como por causa dele” (*E 13 anos*).

Nenhum fez referência ao computador ou à tecnologia em geral, pois a maioria não tem acesso à multimídia, a não ser o celular. A TV é presença e

companhia de todos eles. “Eu fico em casa vendo televisão, filme, sempre sozinha” (*B 16 anos*). Quase todos não saem de casa, por proibição das mães, principalmente as meninas, devido à violência e todas sentem a proibição como uma atitude de cuidado e proteção, devido à presença de traficantes nos bairros. “Há perigo, droga e bandido no bairro” (*H 14 anos*). Quanto ao celular, usado também por poucos, dá para perceber que é uma forma que encontram de não estarem sozinhos e de se firmarem e se tornarem visíveis e importantes.

Encontram dificuldades em ganhar a credibilidade do adulto. Diz um deles: “Explico, mas não adianta, já castigou.” (*MV 13 anos*). Dizem que o adulto procura entender sua situação, mas não faz nada, não age. “Até que as pessoas, coordenadoras escutam a gente, mas não faz nada” (*MV 13 anos*).

Quanto à família, é um valor insubstituível. É um ponto de referência, é espaço de cuidado, de paz, de alegria, de proteção, embora tenham que conviver com situações de pais separados, alcoólatras, padrasto, dificuldades financeiras. Há problemas de relacionamentos: agressão física, ciúmes do irmão menor, rebeldia para ter mais liberdade, pais traficantes foragidos da polícia e os filhos morando com a avó, sem saber por onde andam os pais, pais no exterior e filhos morando sozinhos, pais separados e a adolescente morando sozinha. Um adolescente se expressou: “Nem todos os pais entendem que eles devem cuidar dos filhos no lugar de Deus. Deixam os filhos sozinhos, correndo perigo, com muito medo de tudo” (*J 14 anos - pais no exterior*).

Para quem tem pais separados, o maior desejo é vê-los junto. “Eu queria mesmo é meu pai em casa. Não gosto do meu padrasto” (*F 14 anos*). Demonstram o desgosto de ter padrasto e de ter que ficar longe dos pais quando estão no exterior, a serviço.

A maioria deseja que a família continue como está, pois sentem segurança, proteção, cuidado. “A família assim tá bom. A gente tem carinho e proteção” (*A 13 anos*). Não fazem distinção de formas de família, mas deu para perceber que são normais as variadas formas de estrutura familiar entre eles. “Família não precisa ser pai, mãe, irmão, sangue, é se entender e ser amigo” (*A 14 anos*).

Partindo das observações, pode-se dizer que os/as adolescentes observados apresentam um forte sentido de pertença e de ponto referencial, quando se trata de família. Vivem mais ou menos sem rumo, sem entender bem o que está acontecendo e se expressando como conseguem a turbulência que vive interiormente e muitas vezes se calam e se isolam, porque nem eles mesmos conseguem se entenderem. “A gente sente uma confusão na cabeça (*W 15 anos*). Muitos não gostam desta etapa. Ou querem permanecer crianças, ou se libertar logo e serem livres para fazerem o que desejarem. “Eu não quero ser adolescente. É muito ruim e muitos problemas” (*AL 11 anos*). Alguns são exageradamente inquietos a ponto de não conseguirem parar de se mexer por alguns minutos, completamente desligados de tudo e de todos.

Os/as adolescentes, durante o recreio, estão sempre em grupos. Alguns andam para lá e para cá sem saber bem onde querem ir. Mexem com um, mexem com outros e vão andando. Outros já têm o lugar certo de se reunirem: num canto do pátio, na escada da Obra Social, na arquibancada da quadra. Outros já têm a sua turma de jogo e o campo marcado. Ali, ninguém entra a não ser convidado por alguém do grupo. Tem sempre o líder que dá as ordens, marca as faltas. E todos obedecem.

A adolescência é o momento quando os pais são substituídos pela turma. A turma reforça e dá coragem. É tirânica. Ela impõe e exige. O/a adolescente tem que obedecer. Por outro lado, a turma cria um delicioso sentimento de fraternidade. Todos se confiam. Todos fazem isso, ela retira dos indivíduos isolados o senso de identificação. Numa turma, indivíduos, respeitáveis e tímidos isoladamente, tornam-se corajosos. São as turmas que lincham. Na turma a responsabilidade pessoal desaparece. A turma é a lei. Ela impõe, decide sobre roupas, tênis, boates, músicas, fumo, cheiro, transa. Ai daquele que não obedece (ALVES, 1999, p. 32).

Nota-se uma grande fidelidade à turma. O/a adolescente obedece mais o/a líder do que pais e professores. Têm medo de ser excluído/a. “Se eu entregar F, ele me corta da turma” (*I 14 anos*). “Ai de você se não fizer o que estou falando. Tá fora cara” (*AL 13 anos*).

2 A FAMÍLIA MARCA PRESENÇA NA ADOLESCÊNCIA

“O que gostaria de conservar na família no milênio são seus aspectos mais positivos: a solidariedade, a fraternidade, mútua, os laços de afeto e amor”.

Michelle Perrot

A família é um espaço privilegiado de socialização e construção de identidade, seja qual for a sua forma de estrutura. Os hábitos adquiridos em família estão no início da estrutura e reestrutura de uma pessoa nas mais variadas experiências e funcionam como um esquema de percepção, de julgamento e de ação que norteia a vida do/a adolescente.

Por hábitos, entende-se o conjunto de valores, costumes e usos, formas de percepção dominante, modo de pensar incorporado pela pessoa, possibilitando-a a perceber, interpretar o mundo social e orientar suas práticas sociais. Por um lado, o hábito assegura a base de esquemas, uma certa uniformidade das práticas e sua permanência. Por outro, expressa possibilidades de inovação e transformação.

2.1 A Família e sua longa trajetória

A família é uma construção social sujeita às influências do contexto em que vive e também capaz de influenciar e até mesmo mudar uma sociedade, devido ao seu forte caráter político. Como construção social, é ponto forte do fenômeno intergeracional.

2.1.1 Conceituação

O termo “Família” vem de um verbete latino “famulus” e significa “escravo doméstico”. Foi usado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzida à agricultura e também à escravidão legalizada.

Nesta época predominava uma estrutura patriarcal, e em algumas culturas matriarcais, em que um vasto leque de pessoas se encontrava sob a autoridade do mesmo chefe. Nos tempos medievais, as pessoas começam a estar ligadas por vínculos matrimoniais, formando novas famílias. Dessas novas famílias fazia parte, também, a descendência gerada que, assim, tinham duas famílias, a paterna e a materna.

Com a Revolução Francesa, surgiram os casamentos laicos no ocidente e, com a revolução industrial, tornaram-se freqüentes os movimentos migratórios para cidades maiores, construídas ao redor dos complexos industriais. Estas mudanças demográficas originaram o estreitamento dos laços familiares, num cenário semelhante ao que temos até hoje. De patriarcal, a família passa ao modelo nuclear que chegou até os dias atuais.

Na cultura ocidental, a família é definida como um grupo de pessoas do mesmo sangue ou unidas legalmente como no casamento e na adoção. A noção de sangue como elemento unificador da família deve ser entendido como uma metáfora, pois existem culturas que consideram outros elementos unificadores.

A família vem-se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas, sociais e culturais do contexto em que se

encontra inserida. É um espaço sócio-cultural que deve ser continuamente renovado e reconstruído. Deve ser considerado como o espaço político de natureza criativa, inspiradora e transformadora. Segundo Outeiral, "Nossa sociedade sofre profundas transformações nos vários níveis, que a compõem: econômico, cultural, valores éticos e morais. A família acompanha estas transformações" (OUTEIRAL,1994, p.15).

A família, é pois, unidade básica da sociedade formada por indivíduos com ancestrais em comum ou ligados por laços de afeto. É um grupo social primário que influencia e é influenciado por outras instituições. Membros de uma família costumam compartilhar o mesmo sobrenome, herdado dos ascendentes diretos.

Não é possível fazer generalizações a respeito da família. Ela tem forma e estilos próprios de funcionar. É o caso das famílias das crianças em situação de rua, que apresentam, estruturas diferentes, relações e inter-relações peculiares. Essas mostram que a ida da criança para a rua é, muitas vezes, sentida pelos pais como um fracasso na criação dos filhos, instalando-se na família um conflito intergeracional, uma tensão de caráter diferencial para o seu ciclo de vida. (SOUSA, 2001, p.77).

Não existe mais "família", mas "famílias". Para os/as adolescentes esta situação não se torna um problema, ou seja, já vivem num contexto onde se encontram as várias formas estruturais da família.

2.1.2 Estrutura familiar

A família assume uma estrutura característica: uma forma de organização ou disposição de um número de componentes que se inter-relacionam de maneira

específica. Assim, a estrutura familiar compõe-se de um conjunto de indivíduos com condições e em posições, socialmente aprovada.

Não podemos fixar nossa atenção num único modelo estrutural familiar. A família pode assumir a estrutura nuclear ou conjugal composta por: um homem, uma mulher e seus filhos biológicos ou adotados, habitando num ambiente familiar comum.

Existem famílias de pais únicos ou monoparental, tratando-se de uma variação de estrutura nuclear tradicional devido a fenômenos sociais, como o divórcio, óbito, abandono do lar, ilegitimidade ou adoção de crianças por uma pessoa.

Existe a família ampliada ou consangüínea que é uma outra estrutura, que consiste na família nuclear, mais os parentes diretos ou colaterais. As relações são extensivas entre pais e filhos para avós, pais e netos.

Para além destas estruturas, existem as denominadas de famílias alternativas. São elas: as famílias comunitárias e as famílias homossexuais.

As famílias comunitárias, ao contrário das famílias tradicionais, nas quais a total responsabilidade pela criação e educação das crianças é dos pais e da escola, nestas famílias, o papel dos pais é descentralizado, sendo a educação das crianças de responsabilidade de todos os membros adultos.

Nas famílias homossexuais existe uma ligação conjugal ou marital entre duas pessoas do mesmo sexo, que podem incluir crianças adotadas ou filhos biológicos de um ou ambos os parceiros.

Devido às variadas formas estruturais da família, o conceito da mesma, sofre alterações, não podendo definir um conceito fechado e conclusivo.

Refletindo sobre a estrutura familiar, precisa-se destacar o papel da “avó” como suporte na educação dos netos/as adolescentes. As avós desempenham as mais variadas formas de cuidado: alimentar, proteger, ensinar, brincar. Exercem uma função materna ou possui uma responsabilidade na educação dos netos. É interessante perceber que na maioria são mulheres avós que exercem esta função e nenhuma migrou para a casa de suas filhas e filhos. Abrem as portas para receber filhos e filhas. Acontece que há um bom número de avós que abrem as portas para receberem filhos e filhas de volta à casa materna após a desintegração do casamento e outras, que continuam cuidando das filhas, quando engravidam e não mudam de sua casa para morar com um parceiro. As filhas precisam trabalhar para ajudar no sustento da família e não tem onde deixar as crianças. A casa da avó é um abrigo para as crianças e adolescentes. A questão financeira força a migração dos pais em busca de sobrevivência. Adolescentes solitários, desorientados, sozinhos se virando como podem, consequência da ausência dos pais que se migram para o exterior, acreditando que o/a adolescente será feliz se tiver tudo o que deseja. A situação fica ainda pior, quando a adolescente descobre que seu pai ou sua mãe tem outra família no exterior. Esta situação atinge mais profundamente a menina que se fecha na sua solidão.

2.1.3 Funções da família

A função familiar está implícita nas próprias famílias. Como agregação social, ao longo da história, assume ou renuncia funções de proteção e socialização dos seus membros, como resposta às necessidades da sociedade a que pertence. As funções da família se regem por dois objetivos: um de ordem interna como o da

proteção psicossocial dos membros, outro em nível externo como acomodação a uma cultura e sua transmissão. Deve, portanto, responder às mudanças externas e internas sem perder a continuidade, sendo sempre um ponto de referência para os seus membros. É dupla a sua responsabilidade: dar respostas às necessidades da sociedade e ao mesmo tempo às necessidades dos seus membros.

As funções familiares podem ser identificadas como:

- Geradora de afeto entre os seus membros.
- Proporcionadora de segurança e aceitação pessoal, promovendo um desenvolvimento pessoal, natural.
- Proporcionadora de satisfação e sentimento de utilidade, através das funções e tarefas de cada membro.
- Asseguradora da continuidade das relações, proporcionando relações duradouras entre os familiares, mesmo numa sociedade em que prevalece a provisoriedade.
- Proporcionadora de estabilidade e socialização, assegurando a continuidade da cultura da sociedade a que pertence.
- Proponentora da autoridade e do sentimento do que é correto, relacionando com a aprendizagem dos limites, direitos e deveres característicos das sociedades humanas e de uma educação para o afeto.
- Promotora e protetora da saúde de seus membros, dando apoio e resposta às necessidades básicas em situação de doença.
- Promotora do cuidado, fazendo de seu lar o espaço onde a vida é acolhida, respeitada, promovida e defendida.

De acordo com Duvalle Miller, apud Stanhope, “A família será sempre o espaço do aconchego, da socialização e da construção da identidade seja qual for a sua forma estrutural.” (DUVALLE MILLER apud STANHOPE,1999, on-line).

O/a adolescente sente e expressa, a seu modo, seu sentimento em relação à família. Para ele/ela a família é um ponto de referência.

2.2 A família no contexto Pós-Moderno

Não se pode afirmar que a família está em crise. O que ocorre é uma transformação decorrente das mudanças sociais e tecnológicas. Atualmente, constrói-se uma nova concepção de família. A entrada e ascensão da mulher no mercado de trabalho, as facilidades para a obtenção do divórcio e a independência maior dos jovens e adolescentes são fatores que contribuem para uma menor estabilidade da família.

A função educativa da família é descentralizada e partilhada com a escola, os meios de comunicação de massa, que ao impor, através da persuasão, padrões de comportamentos considerados normais, disputam com a família o papel de educador e, muitas vezes, de maneira opressora. Com tudo isto, a família continua sendo importante com o seu papel de impor modos de pensar, inculturar, transmitir valores sendo espaço de construção de identidade.

A família experimenta uma crise estrutural e de ordem social. Estrutural porque de uma relação espontânea e natural passa à relação monogâmica, caracterizando-se como esfera isolada de relações privadas, com determinação histórica, social e psíquica. As relações de autoridade se articulam segundo a ordem

capitalista. É de ordem social, porque enquanto garantia a seus membros proteção, calor e aconchego e a propriedade era hereditária, era justificada a sua autoridade. Mas, sua eficiência é reduzida quando deixa de garantir a vida material de seus membros. Os laços familiares são fragilizados. O próprio casamento se reduz ao valor pragmático de uma relação de troca. A família cada vez menos exerce sua função de instrução, educação, segurança e proteção. Há um forte deslocamento de ser para o ter. O/a adolescente tende a se identificar com atores, personagens de novela, atrizes, músicos, jogadores de futebol e até mesmo com traficantes ou personagens das bandas de rock, ou seja, alguém com visibilidade social, decorrente da beleza, fama e riqueza. Essa influência é exercida pela mídia: jornal, rádio, televisão que passam a mensagem idealizada. (GUIMARÃES, 2002, v5, nº1).

Neste contexto, constatamos mais uma vez a exclusão social. O/a adolescente é manipulado para estimular o consumo ilusório ao qual, ele mesmo não terá acesso. O/a adolescente é muito mais influenciado pela mídia do que por sua família, escola, igreja e outras instituições. Seu contexto social e cultural se articula a partir de códigos e recursos digitais e virtuais. Entendem e organizam informações de um modo diferente. Seu universo é totalmente distinto do de seus pais.

Neste contexto pós-moderno, grande parte do nosso destino, queira ou não, acontece num cenário mundial e a família enfrenta também esta situação sendo atingida na sua privacidade. O/a adolescente se move em espaços e mundo diferentes ao mesmo tempo.

No cenário da sociedade pós-moderna, a família ganha importância. Sua função socializadora é valorizada e chamada a exercer autoridade e definir limites, esperando dela participação mais intensa nas atividades do dia-a-dia.

A família no contexto pós-moderno depara com um novo cenário mundial: a globalização. Este fenômeno tem gerado discussões envolvendo temas como: valores, moral, ética e etnia. Esse debate está interligado a uma série de questões, inclusive questões familiares. O uso de termo “globalização” não é um conceito novo, ou mesmo um fenômeno recente. O que está acontecendo é uma consciência global. Não é consequência da modernidade e sim uma condição que facilita a modernização. A globalização, no seu processo contínuo, provoca impacto na vida das pessoas e conseqüentemente nas famílias.

2.3 Conflitos e violência na família do/a adolescente

Os conflitos entre adolescentes e família nascem da dificuldade que os pais encontram em administrar as relações familiares, afetadas e alteradas por comportamentos característicos desta etapa que vão passar, mas é importante que seja bem vivida, bem acompanhada e orientada para que o/a adolescente faça as suas experiências de autonomia e construção de identidade de um modo saudável e tranquilo.

O comportamento/a adolescente possui algumas características que muitas vezes provocam conflitos entre pais e filhos gerando até atos de violência, caso os pais não estejam preparados para enfrentá-los.

- **Independência** - o/a adolescente gosta de ser independente. Ao mesmo tempo que quer a presença dos pais em sua vida, pois deles depende de um modo geral, sente a necessidade de explorar e conhecer o mundo de maneira diferente de quando era criança. Esta independência do/a adolescente é o

início de uma autonomia que se caracteriza por novas relações mais amadurecidas, abertas às trocas de opiniões, ao diálogo. São relações que, se não encontram abertura e acolhimento por parte dos pais, tornam-se agressivas, criando sérios problemas familiares. Aqui entra o problema de comunicação. Muitos problemas familiares estão interligados com o distúrbio na comunicação. Quando existe duplo vínculo na interação familiar é impossível estabelecer limites claros e consistentes. Esta independência é o jeito que o/a adolescente encontra para expressar o início da construção de identidade.

- **Roupas, danceterias, vocabulário e excentricidade** - a mudança de interesse e atitude é um modo que o/a adolescente usa para afirmar a independência. Compra roupas extravagantes, não sai das danceterias e usa um vocabulário específico abusando da gíria, tornando-se incompreensível para os pais, mas interagindo profundamente com o grupo. As danceterias são abertas em horário tardio. Isto preocupa os pais, levando-os a perderem o sono, tornando-se ansiosos. Mas, isto é sinal dos tempos e não devem ser proibidas. São locais apenas de diversão, onde jovens e adolescentes dançam e se vestem iguais a todos, sentem-se compreendidos e participam de um grupo social. São “os templos” onde celebram suas diferenças e igualdades. Aqui, podemos recordar Rubem Alves quando compara os/as adolescentes com as maritacas, como já foi referido no 1º capítulo. O mesmo autor aconselha os pais ansiosos, “Há duas regras muito simples para se lidar com filhos/as adolescentes. Primeira: Não faça nada. Tudo que fizer estará errado. Segunda: Fique por perto para catar os cacos, se possível” (ALVES,1999, p.11-13). É certo que ansiedade não resolve. Mas também, os

pais devem procurar todos os meios para se qualificarem no acompanhamento do filho/a adolescente. Mesmo sendo uma etapa passageira é preciso de acompanhamento e orientação para que as experiências feitas ajudem na construção de uma identidade sadia.

- **Discussões** - muito comum entre irmãos, pais e filhos. A briga tem um objetivo para o/a adolescente: conquistar o carinho dos pais. Daí a rivalidade entre irmãos e até mesmo com o/a parceiro/a do pai ou da mãe. É comum encontrar adolescente que rejeita o irmão e até lhe deseja a morte para que o carinho e atenção dos pais se voltem para ele. No fundo, existe uma grande carência.
- **Conduta** - aparentemente o/a adolescente vai se libertando daquela dependência dos pais e estes muitas vezes se sentem inúteis, pensando que os filhos não precisam mais deles. Mas, não é bem assim. O/a adolescente precisa dos pais, de uma forma diferente de quando era criança. Sua relação com os pais é de forma mais amadurecida, em outro nível. Inicia-se seu processo de autonomia. Precisa de limites claros e significativos. Os/as adolescentes desejam participar das decisões e discussões da família.
- **Disciplina** - a imposição revolta o/a adolescente, que desobedece para se afirmar. Coloca em segundo lugar o modelo paterno porque, pensando em ser independente, procura se diferenciar dele. Apesar disto, o exemplo fica. É na família que a criança e o/a adolescente aprende o respeito a si e aos outros e a ter limites e hábitos: “É preciso criar uma nova relação entre autoridade e filho. É nesta nova relação que vai gerar a disciplina, o respeito, a estima. A família precisa construir uma disciplina familiar que seja uma participação consciente e interativa.” (VASCONCELLOS, 1956, p.43).

- **Carro ou moto** - maneira mais marcante de um/a adolescente sentir-se livre e se firmar é manejar uma moto ou um carro e em alta velocidade, para ter a sensação de voar, ser livre, deixar tudo para trás. Isto lhe transmite excitação, poder e auto- afirmação. Dá ao veículo o que gostaria de dar à sua vida: asas à sua liberdade. O pior é que a maior emoção é não ser habilitado. Quando for autorizado, não terá mais graça. A intervenção dos pais precisa ser na linha do aconselhamento, do diálogo, fazendo-o ver as conseqüências dessa euforia. Esta característica é mais dos meninos.
- **Independência econômica** - ao sentimento de liberdade está ligada a independência econômica. Como não o possui, luta para aumentar seu dinheiro. É próprio do/a adolescente a tendência a vender tudo quanto possa ser comprado. Os pais devem instituir uma mesada de acordo com suas posses e conforme as necessidades do filho e este deverá administrá-la, porque assim vai aprender a lidar com seu dinheiro e a controlar seus gastos.
- **Ser do contra** - o/a adolescente passa a ser do contra, em manifestação clara ao tolhimento de sua vontade. Tudo é motivo de aborrecimento. Com respostas diretas e ofensivas, chega até a encarar os pais como inimigos. Comete desatinos para mostrar que é livre, que não é mais criança para ser mandado e não aceita fazer o que os outros querem. E é nesta linha que vai se tornando do contra. Manifesta revolta e aversão à autoridade e a tudo o que é pré-estabelecido. Age ostensivamente ao contrário do que os outros esperam dele. Tudo que é proibido, tem maior sabor. Os pais, rechaçados e atacados, não devem revidar com a mesma intensidade. Isto só aumentaria a revolta, o conflito e a violência. Precisam entender a situação passageira do filho e acolhê-lo como se apresenta no momento e não se sentirem atingidos

pelas ofensas recebidas e, com a maior calma, poderão auxiliar o/a adolescente a diminuir esse comportamento negativo. O autoritarismo, as ameaças, o nervosismo só podem gerar agressividade no filho que mais tarde reagirá da mesma forma, não conseguindo ser feliz, tranqüilo, alegre e de bem com a vida.

- **Oscilação de humor** - tudo enfastia o/a adolescente, porque não gosta de si mesmo, sente-se mal e, por isso não aceita os outros. Daí sua variação de humor. Toda idéia dos pais é superada. Ouve-as com ar incrédulo, esboçando um sorriso crítico que provoca ira e aborrecimento, tornando-o insuportável. As diferentes manifestações de humor aparecem na procura de espaço para seu desenvolvimento interior, por meio da contestação de regras e valores até então aceitos, de impulsos incontrolados, de comparações, de conflitos. As oscilações nem sempre têm explicações lógicas. Os pais devem procurar avaliar as variações de humor e encontrar uma solução adequada ao seu comportamento, sempre considerando o respeito e o tato necessário e não deixar se atingir por essas crises, piorando ainda mais o ambiente familiar. Passa de entusiasmo ao abatimento e desânimo com uma rapidez assustadora. Paixões profundas e passageiras, sonhos, transformações, emoções intensas. É tudo muito bom ou muito ruim, ótimo, péssimo. É preciso cuidado para não cobrar e muito menos passar seu próprio mau humor ao filho, pois aí a situação fica bem mais difícil de ser controlada. Os pais precisam ter o controle de suas emoções. O/a adolescente precisa de muito carinho, compreensão, cuidado e apoio para que comece a se auto-aceitar-se e dominar suas emoções.
- **Falta de ordem** – a desordem interior que acontece no/a adolescente

repercute em seu psiquismo, traduzindo-se por desordens exteriores. Esta é uma outra característica do/a adolescente que muitas vezes cria conflito com a mãe. Esta não deve ordenar e colocar as coisas nos lugares. É bom que sinta as conseqüências de sua desordem, quando precisar de alguma coisa e não encontra. Só assim aprenderá a colocar seus pertences no devido lugar. Esta desordem interior pode causar fracasso escolar e de atrapalhadas. "É preciso respeitar para ser respeitado. Isso precisa ser lembrado quando remexer nos pertences dos irmãos, dos pais, mas acha um desrespeito quando estes invadem sua privacidade." (NOVELLO, 2004, p.155).

- **Inconstância** – é próprio do/a adolescente começar uma atividade e logo abandoná-la. Está procurando seus próprios caminhos e precisa experimentar primeiro para depois se definir. Tolher este comportamento, é reprimir seu auto-conhecimento e sua capacidade de realização. Tudo que vivencia é válido, representa cultura geral mesmo que não termine o que começou. Este comportamento cria conflito com os pais que podem adotar uma atitude de cobrança que é muito negativo. Porém, se os pais percebem que este vai e vem já passa dos limites, tornando-se muito disperso, precisam descobrir um modo de ajudá-lo, oferecendo-lhe carinho, apoio, aceitação, dando-lhe maior liberdade, deixando-o crescer.
- **Afeto** - o/a adolescente em geral oculta seus sentimentos, principalmente no que se refere ao carinho. Muitas meninas rejeitam os afagos do pai nessa etapa. Sentem-se embaraçadas e se retraem na manifestação de carinho como se fosse algo proibido ou mesmo com conotação sexual. Mesmo, num aparente repúdio às manifestações de afeto e carinho, também na adolescência é imprescindível a manutenção de laços afetivos para que se

laços afetivos para que se fortaleça a capacidade de amar. Amar e ser amado é de grande valia para o seu bom ajustamento atual e futuro. O/a adolescente tende a se relacionar bem com os amigos e os pais devem estimular o filho a cultivar essas amizades. Normalmente, o bom relacionamento estende-se aos familiares (NOVELLO, 2004, p. 155)

2.4 Ouvindo as famílias com relação a si mesmas e seus filhos/as adolescentes

As famílias dos/as adolescentes que freqüentam a Escola Estadual Patronato Madre Mazzarello e Centro Juvenil Laura Vicuña, são famílias de baixa renda, sem escolaridade e sem recursos para qualificar profissionalmente os filhos.

Falta-lhes tempo para acompanhar os filhos nesta etapa tão importante, inclusive o seu desenvolvimento escolar. “A gente tem que trabalhar o dia todo, se não, não dá. E ele é muito danado, eu deixo pra lá” (*Mãe 28 anos*). Falta diálogo entre pais e filhos e entre os pais.

A situação financeira provoca a migração de pais para o exterior (Portugal, Irlanda, Espanha, Estados Unidos). Pensam somente em dar de tudo, do bom e do melhor para os filhos, colocar coisas dentro de casa, roupa e tênis de marca e assim, levados pelo consumismo pensam que são os melhores pais, pois estão dando aos filhos aquilo que não tiveram na infância e adolescência. Isto não deixa de ser uma compensação pessoal dos pais. “Eu quero dar ao meu filho a que não tive” (*Mãe 26 anos*). O acompanhamento, a presença cuidadosa e educativa fica de lado e o/a adolescente deseja profundamente viver com os pais. Quanto aos problemas vividos pelos/as adolescentes, consideram passageiros e sem

importância. “Esses problemas vai passar. É da idade. Ele vai passar de ano” (*Mãe 21 anos*).

Uma grande dificuldade encontrada é a presença apenas do pai, ou da mãe, ou da avó, sozinhos na criação dos/as adolescentes. Esta situação é gerada por vários motivos: separação dos pais, migração para o exterior por motivos financeiros, mães solteiras, gravidez na adolescência. A avó tem muita dificuldade para entender o mundo do/a adolescente e falta-lhe uma qualidade de vida para que possa desempenhar bem esta tarefa. “A gente não tem divertimento nenhum. Só trabalho, preocupação e esses meninos ainda ficam na rua, aprendendo coisa errada” (*Avó 64 anos*).

Os pais se preocupam com a segurança dos filhos no tempo em que estão no trabalho, devido à violência, assaltos e tráfego nos bairros, inclusive os abusos sexuais de crianças e adolescentes. “Eu fico no trabalho, mas preocupada” (*Mãe 20 anos*).

A mídia interfere no comportamento do/a adolescente mais do que a família. Apresenta e impõe valores contraditórios aos verdadeiros valores éticos, morais, sociais e culturais. Isto entra em choque com o moralismo religioso existente em muitas famílias. Monopoliza o/a adolescente e jovens com propagandas enganosas e que depois eles mesmos não terão acesso a tais produtos. Nas “Lan House” os/as adolescentes passam horas acessando programas pornográficos. “Ele fica naquela casa, no computador horas e horas. Não sei o que vê” (*Avó 62 anos*).

A família vê o/a adolescente como rebelde, sem responsabilidade, sem motivação para estudar. “Quer somente ficar na rua com colegas, jogando bolas, no videogame e nas Lan House” (*Mãe 37 anos*). Apresenta grande carência de carinho

e atenção por falta de pai e mãe por motivos de separação. “Sou separada e tudo fica difícil” (*Mãe 38 anos*).

“A relação com adolescente é muito difícil. É difícil lidar com eles, (*Avó 62 anos*). Os pais não estão preparados para educar filhos/as adolescentes neste contexto pós-moderno. “A gente não sabe mais o que fazer” (*Mãe 38 anos*). É agressividade com agressividade e ameaças. As adolescentes ameaçam os pais, dizendo que vão denunciá-los ao Conselho Tutelar. “Tudo que a gente fala, ele fala que vai no Conselho e a Polícia vem” (*Mãe 28 anos*). Os pais inseguros, se deixam intimidar e não conseguem administrar as relações familiares e o/a adolescente se sente poderoso, tomando atitudes estranhas.

A família marca presença na adolescência. E dependendo da experiência, o/a adolescente mais tarde terá boas recordações para contar ou revolta que poderá acompanhá-lo por toda a vida.

3 A DOR QUE DÓI E A VIDA QUE BROTA NA ADOLESCÊNCIA

“Todo/a adolescente aprende com a família, com os amigos e com o meio. Devemos criar oportunidades para que compartilhe essas experiências.”

Sônia Itoz

Aprofundando um pouco na origem etimológica da palavra “adolescência, encontra-se dois aspectos muito próprios desta etapa de vida. Ela vem do latim ”ad”=a, para e “olescer”= crescer e significa o processo de crescimento. O indivíduo está apto a crescer. Mas, a palavra adolescência deriva também de “adolescere” que significa adoecer. Baseando nesta dupla origem etimológica, pode-se pensar a adolescência como uma etapa da vida com aptidões para crescer no sentido físico e psíquico e também com aptidões para adoecer no sentido de sofrimento, com transformações biológicas e mentais que acontecem neste período.

Quando se fala em adolescência, pensa-se em dois elementos básicos: primeiro - é preciso considerar que existem diferentes experiências adolescentes que, embora com elementos comuns, dependem dos aspectos psicológicos e sociais do seu contexto social; segundo - é que necessita-se compreender que a adolescência tem diferentes fases com características próprias (OUTEIRAL,1994, p. 6).

3.1 Depressão na adolescência

Por muito tempo acreditou-se que crianças e adolescentes não eram afetados pela depressão, supondo que este grupo não tivesse problemas vivenciais

e se acreditava que a depressão era exclusivamente uma resposta emocional à problemática existencial, portanto quem não tivesse problema, não teria depressão.

Atualmente sabemos que os/as adolescentes são tão susceptíveis à depressão quanto os adultos e é um distúrbio que deve ser encarado seriamente em todas as faixas etárias. A depressão interfere de maneira significativa na vida diária, nas relações sociais e no bem - estar geral do/a adolescente, podendo levar até ao suicídio. Quase todas as pessoas, indiferente de idades, experimentam momentos temporários de tristeza que fazem parte da vida e tendem a desaparecer sem tratamento. Não é depressão.

Depressão é uma doença com sintomas específicos, com duração e gravidade suficiente para comprometer seriamente a capacidade de uma pessoa levar uma vida normal. Deve ser tratada como qualquer outra doença.

Muitas pessoas apresentam uma primeira crise de depressão durante a adolescência, apesar de nem sempre ser reconhecida. Normalmente aparece pela primeira vez em pessoas com idade entre 15 e 19 anos (referência). Nas últimas décadas, observa-se um aumento muito grande do número de casos de depressão com início na adolescência e infância. O mundo pós-moderno está cada vez mais complexo, competitivo, exigente e muitos/as adolescentes têm dificuldades para lidar com as necessidades de adaptação que se deparam diariamente.

Os/as adolescentes se deparam com situações novas e pressões sociais, favorecendo condições próprias para que apresente flutuações do humor e mudanças expressivas de comportamento: agressões, maior sensibilidade, sentimental, podem desenvolver quadros depressivos com sintomas de descontentamento, confusão, solidão, incompreensão e atitude de rebeldia. Esse quadro pode indicar depressão, ainda que os sentimentos de tristeza não sejam os

mais evidentes. A depressão tende a se agravar muito mais se o/a adolescente estiver inserido numa família que também está em crise, seja por separação dos pais, por violência familiar, alcoolismo de um dos pais, sérias dificuldades econômicas, doenças físicas e morte.

Entre adolescentes, a depressão pode ser mascarada por problemas físicos e queixas somáticas que parecem não ter relação com as emoções. Estes problemas podem incluir alterações de apetite ou distúrbios de alimentação, tais como anorexia nervosa ou bulimia. Alguns adolescentes deprimidos podem se sentir extremamente cansados e sonolentos o tempo todo, e exaustos mesmo depois de terem dormido por várias horas. Confiar pouco em si mesmos, têm a auto-estima baixa e têm lentidão dos pensamentos. A baixa auto-estima faz com que veja a si mesmo como sem valor, feio, desinteressante e cheio de defeitos. Estes sentimentos angustiantes e depressivos, levam invariavelmente prejuízo na saúde, na escola, no relacionamento familiar e social.

Quando deprimido, o/a adolescente costuma sentir-se inquieto, ou irritado, isolar-se de amigos e familiares, tem dificuldade de se concentrar nas tarefas escolares, perde o interesse ou o prazer em atividades que antes gostava de realizar. Sente-se sem esperança. Cético, com sentimento de culpa e perda do prazer de viver. Dorme tarde, acorda cedo demais, tem sonolência durante o dia. Sofrendo alterações no apetite pode ganhar ou perder peso. Muitas vezes tenta suicídio que pode ser de forma velada agindo de maneira inconsciente, envolvendo-se em atitudes completamente imprudentes, acidentes automobilísticos, uso progressivo de drogas e álcool, ingestão de comprimidos, uso de armas de fogo.

A depressão resulta da soma de vários fatores e não apenas por uma causa. O medo do fracasso, a discriminação da faixa etária e a pressão para realizar

inúmeras tarefas podem contribuir para o aparecimento da depressão. Vários estudiosos da adolescência e depressão acreditam que fatores genéticos têm papel importante nas pessoas que têm familiares também com tendências à depressão. Atualmente as pesquisas concentram-se na área bioquímica da depressão. Acredita-se que a depressão possa ser causada por um desequilíbrio de substâncias químicas cerebrais denominadas neurotransmissores, principalmente: a noradrenalina, dopamina e a serotonina.

Os pais dos/as adolescentes deprimidos ou que apresentam tendências depressivas devem procurar um bom profissional, capacitado para diagnosticar, aconselhar e ajudar. Um bom médico, família e o/a adolescente poderão chegar a uma decisão sobre o tipo mais adequado de tratamento para o paciente. Em alguns casos, bastará o aconselhamento. Em outros o tratamento medicamentoso é indispensável, mas mesmo com ele o aconselhamento, quando envolve o/a adolescente e sua família é mais benéfico (BALLONE, 2001, on-line).

No caso de famílias mais carentes, com menos poder aquisitivo, já existem psicólogos nos serviços públicos para adolescentes e jovens, ou uma pessoa de confiança do/a adolescente pode ajudá-lo/a a superar o estado de depressão.

3.2 A gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência vem aumentando muito. Isto tem sérias conseqüências físicas, psicológicas e sociais.

A gravidez precoce é uma das ocorrências mais preocupantes

relacionadas à sexualidade da adolescência com sérias conseqüências para a vida dos/as adolescentes envolvidos, para seus filhos que nascerão e para sua família.

Apesar da sociedade ter criado tantos meios de informação sobre sexo, é elevado o número de adolescentes que engravidam. A maioria dos pais prefere educar seus filhos sobre a sexualidade como foram educados, com repressão e silêncio. Outros já partem para a liberdade desorientada. Achando que assim são pais modernos e amigos dos filhos. Não se deve aplaudir nem uns, nem outros. Há de se chegar ao equilíbrio. Para isso é necessário que o/a adolescente construa sua identidade, fazendo suas opções nas atividades corriqueiras do dia-a-dia e assumindo as conseqüências da escolha feita, construindo uma liberdade responsável e uma consciência crítica. O/a adolescente precisa aprender a se respeitar e respeitar os outros como criaturas e templos de Deus. Cada coisa a seu tempo, à sua hora. A partilha consciente com outra pessoa levará o/a adolescente a uma vida mais saudável e menos sofrida. "A tranquilidade em relação à sexualidade é estabelecida num ambiente de confiança, respeito e carinho" (ITÓZ, 1999, p. 91).

Quando ocorre a gravidez na adolescência, é fundamental para a menina apoio, compreensão e acolhimento por parte dos pais e educadores, para não desesperar e recorrer a um aborto clandestino, colocando em risco a própria vida, além de outras conseqüências mais desastrosas. Que a partir do fato, a adolescente possa encarar com responsabilidade e cada vez mais autonomia o seu próprio destino.

Na gravidez, a mulher tem oportunidade de repensar sua própria infância e estreitar um novo papel existente. Para uma adolescente em processo de mudanças e transformações, torna-se confuso, pois ela ainda transita na infância e não tem uma identidade elaborada. A dependência da relação com a mãe ainda é muito

forte, não permitindo que ela mesma encarne essa função com tranqüilidade e discernimento.

Tanto para a moça como para o rapaz, a gravidez precoce é um acontecimento desestabilizador. Assumir paternidade e maternidade implica condições emocionais físicas e econômicas para as quais eles não estão preparados. É angustiante a perspectiva de que suas vidas serão modificadas por completo.

A adolescência caracteriza-se por grandes questões como: a busca de uma identidade que possibilite a passagem da fase infantil para a idade adulta, a explosão de novas sensações corporais, a afirmação sexual, o ingresso na vida profissional, a problemática da dependência dos pais. Acrescentar a estas questões uma grande mudança de identidade, uma transição existencial como é a gravidez, torna a situação bastante complexa.

O envolvimento de pais e amigos é de suma importância e inegável. A gravidez na adolescência abrange a rede de relações e preceitos sociais, portanto, é uma crise sistêmica. Por crise entende-se um período temporário de desorganização, precipitado por mudanças internas e externas. Pode-se afirmar que tanto a adolescência como a gravidez são uma crise. A primeira é imprescindível para o crescimento do indivíduo, enquanto ser humano; já a segunda, é uma opção, pode-se escolher o momento de viver uma gravidez.

O Ministério da Saúde organizou o serviço de atendimento a adolescentes e jovens no manual “Saúde integral de adolescentes e jovens.” É preciso que eles se informem sobre este serviço nos postos de atendimento no seu bairro ou cidade. E se não tiver, está aí uma boa Política Social de Juventude, que deve ser reivindicada. O manual apresenta as ações às quais o/a adolescente e o jovem

poderão ter acesso: acompanhamento do seu crescimento e desenvolvimento, orientação nutricional, imunização, atividades educativas, identificação e tratamento de agravos e doenças prevalentes.

3.3 Adolescência, família e drogas

A adolescência, por viver um momento de transformação no corpo e no cérebro, o que ocasiona uma menor ou maior dor psíquica é uma população de risco em relação ao uso de drogas.

Fatores variados levam o/a adolescente a usar droga, mas em geral, considera-se as aspirações individuais e sociais, incluindo, neste item, a sociedade como um todo, a família e o “grupo de amigos.”

Em busca de valores para construir sua identidade e meio para atingir sucesso, poder e visibilidade social, o/a adolescente é manipulado pela mídia e pela sociedade consumista.

O pior é que a família tem uma participação fundamental. Outeiral, escrevendo sobre as drogas na adolescência afirma que às vezes, na família não tem um membro alcoólatra, mas sustenta uma “cultura alcoólatra” ou seja, o álcool é idolatrado. Na sala principal, em lugar de destaque está o bar e as garrafas de bebidas. Quando chega algum amigo, abrem as garrafas e bebem algo. (OUTEIRAL,1994,p.43). O mesmo se reproduz nas novelas: conversas sérias, importantes, visitas desejadas e esperadas, momentos conflituos, sempre a bebida está presente. O/a adolescente vendo a bebida tão venerada, quer usá-la também e têm pais que acham graça e até se sentem orgulhosos de ver o filho embriagado,

pois é sinal de virilidade. Outeiral falando ainda sobre as drogas ressalta a influência do “grupo de amigos”:

O “grupo de amigos” induz ao uso de drogas pelos seguintes motivos:

- sentido de pertença a um grupo, em ritual comum, possibilitando a identidade com a turma;
- como rito de iniciação e de introdução no grupo;
- como intimidade e exibicionismo, mostrando-se o/a adolescente ao grupo como corajoso, sem medo de nada;
- receio de ser diferente do grupo e ser tido como medroso (OUTEIRAL, 1994, p. 43).

O mesmo autor, referindo-se à sociedade, mostra a influência que exerce, estimulando as drogas “oficiais” como álcool e o tabaco que causam grandes males à saúde e se tratando de álcool representa problemas dos mais graves em Saúde Pública. São chamadas “oficiais”, por serem lícitas, pagam impostos e são divulgadas pelos meios de comunicação, através da propaganda, novelas, filmes e o seu uso é associado à beleza, força, sedução sexual, sucesso profissional e riqueza.

Considera-se alguns fatores que levam o/a adolescente ao uso de drogas e até mesmo ao problema de drogadição:

- Sentimento de solidão que gera um vazio interior;
- a solidão pode gerar um estado depressivo;
- a revolta contra a sociedade repleta de normas pré-estabelecidas, tidas como boas e válidas que dão aos tóxicos espaço e simpatia;
- insatisfação com a situação social em que vivem. Fumando maconha, que é a droga mais popular, se sente transgredindo a lei, chocando todos, se auto-afirmando e sendo livre;
- falta de apoio e compreensão familiar à crise do/a adolescente, com muitas

exigências, sem enxergar que ele ainda não está apto a cumpri-las, que o levam a se refugiar na droga;

- o/a adolescente está totalmente absorvido por dúvidas e questionamentos, voltados para dentro de si e os pais não percebem esta situação;
- o/a adolescente, quando sente muita tensão, provocada pelo sentimento de vazio existencial, a maneira mais fácil de aliviá-lo é por meio da droga. É uma reação imatura e inútil, porque o problema não é resolvido, fica apenas ignorado. Essas tensões podem ter sua origem na falta de sentido da vida, um projeto de vida, tensão e desajustes familiares, pressão do “grupo de amigos”, da mídia e da sociedade;
- fatores constitucionais, aspectos inatos de sujeito como impulsividade mais intensa, maior sensibilidade para relações afetivas, dificuldade em adiar as satisfações, requerendo gratificações imediatas. As experiências satisfatórias na infância poderão levar o/a adolescente a controlar estes aspectos, tolerá-los melhor e dar uma canalização mais adequada para elas, ou então, se não conduzidos, levarão o/a adolescente por caminhos difíceis;
- pressão do “grupo de amigos”;
- sensação de todo/a poderoso/a, do/a sabidão/ona, acha que pode fazer tudo e nada acontece com ele/ela;
- diante de suas frustrações, inseguranças e ansiedade, o/a adolescente apela para a droga como fuga para o seu sonho. Nega o que ameaça, recalca seus conflitos;
- tentativa de liberdade.

Existem drogas que estimulam, sentindo-se auto-suficiente e forte, outras

levam à prostração e à passividade. Sob o efeito dela, o/a adolescente deixa de ser ele realmente e passa a possuir um contrato irreal com os colegas. As atitudes que possam ser valorizadas ou criticadas em sua pessoa existem por efeito da droga. Perde a identidade e fica sendo conhecido como um indivíduo que não existe.

A dependência vem lenta e contínua e quando o/a adolescente e pais se dão conta é tarde demais. O uso de drogas pode provocar conseqüências graves como demência precoce, morte por debilidade orgânica ou suicídio. O traficante usa a ingenuidade do/a adolescente. Destrói sua vida, enquanto se enriquece cada vez mais. O vício começa ao fumar o primeiro cigarro. Uso de droga é auto-agressivo e ataca a sociedade.

Alguns tóxicos incitam à criminalidade, enquanto outros o marginalizam, sendo ilegal a sua aquisição.

A maconha desvia o comportamento, mas não tipicamente agressivo. Deixa o/a adolescente desligado do meio, calado, deprimido. Diminui sua percepção e não há aproveitamento de seus potenciais. Facilmente comete erros ao atravessar uma rua, ao dirigir um carro, uma moto, ficando exposto a acidentes. Na turma demonstra euforismo e logo depois, passividade. E se estiver frágil, chega à alucinações e pânico. A dependência psicológica é profunda o leva a cometer delitos. A necessidade de obter a droga leva ao crime e a um complexo de erro, como suborno, roubo e tráfico.

Outras drogas levam a um comportamento agressivo. É o caso da cocaína, das “bolinhas” e anfetaminas. Estimulam o sistema nervoso central. No início produzem sensação de euforia, bem-estar, disposição e aumento das atividades em geral.

Duas situações críticas podem levar o jovem e o/a adolescente a iniciar e se viciar em drogas: uma para enfrentar exames e concursos e a outra é para se sair bem nos esportes, para obter sucesso e sobressair-se na turma. Ilusão. O efeito pode ser o contrário, isto é, imbuir a capacidade de desempenho e produção. Após a sensação de euforia no esporte, segue-se um sentimento depressivo profundo, fadiga, terror. Para evitar estes efeitos, o/a adolescente e o jovem tomam outra dose. Está criado o círculo vicioso de excitação-depressão.

O/a adolescente precisa cultivar suas possibilidades e potencialidades. De posse plena de suas habilidades, percebendo claramente todos os seus estímulos, passa a ser visado na sociedade, por suas qualidades, pelo que constrói, por vencer obstáculos, tendo um crescimento saudável e uma identidade definida e forte (NOVELLO, 2004, p.78).

A adolescência é uma etapa de grandes mudanças e desafios, mas também de grandes oportunidades. Há de se olhar para a adolescência com mais carinho, cuidado e ternura.

3.4 A vida que brota na adolescência - Construção da Identidade

Entende-se por identidade os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado civil, nacionalidade, profissão, sexo, etc. O conceito de identidade se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas. É um conjunto de fatores que determinam a maneira com que as pessoas se relacionam, agem ou pensam.

Leon Grimberg (apud OUTEIRAL, 1994, p. 74), psicanalista argentino, estudando a questão da identidade, a descreve como resultado da integração de três aspectos:

- O vínculo de integração espacial que se relaciona com o esquema corporal e que faz se sentir único;
- o vínculo de integração temporal está relacionado à integração das experiências passadas com as vivências do presente e com a capacidade de imaginar-se no futuro, com um “sentimento de mesmidade”;
- o vínculo de sociabilização com os pais e com figuras significativas para o indivíduo.

A construção da identidade é social e acontece durante toda a vida, ou grande parte da vida das pessoas. Desde o seu nascimento o homem inicia uma longa e perene interação com o meio em que vive, a partir do qual construirá não só a sua identidade, como também a sua inteligência, suas emoções, seus medos, sua personalidade. Alguns traços de desenvolvimento são comuns a todo/a adolescente, independente do meio e da cultura em que estejam inseridos. É o caso do processo biológico que se caracteriza pelo surgimento de uma atividade hormonal que desencadeia os caracteres sexuais secundários, como já consideramos no primeiro capítulo deste trabalho, variando o período e o início. Há determinadas características do desenvolvimento que se diferem em grande escala quando há diferenças culturais. A construção da identidade é um desses fatores relacionados ao desenvolvimento que tem íntima dependência da cultura e da sociedade onde o indivíduo está inserido.

3.4.1 Níveis da identidade

A conceituação de identidade é complexa. Para entendê-la melhor, pode-se dividi-la em diversos níveis:

- **Identidade pessoal** - é talvez a mais complexa de ser descrita, mas o nível de identidade que normalmente se sobressai às outras, por se tratar de fatores determinantes para a caracterização dos indivíduos. A identidade pessoal parece ser a mais complexa formação, dependendo também de outros fatores como características familiares, criação, costumes locais; e que tem uma ligação estrita com diferentes períodos da vida, sobretudo a idade.
- **Identidade social** - é formada a partir de grupos de convívio, através de interesses comuns, ou amizades. Neste nível, a música tem um papel fundamental, principalmente em fases como a adolescência, em que as descobertas são muitas e muito intensas, quando há uma propensão maior à influência dos outros, já que a identidade pessoal ainda não está totalmente formada. A identidade social se trata das características que as pessoas adquirem a partir de relações sociais, no convívio com as pessoas.
- **Identidade cultural** – depende, muitas vezes, de fatores mais antigos do que a própria civilização ou de uma nação, sendo que um povo pode ter mais de uma identidade cultural. Isto pode ser visto claramente na realidade brasileira, nas variadas manifestações multiculturais.
- **Identidade étnica** - que varia de acordo com as descendências e características físicas é algo imutável. Mais do que apenas características genéticas, a identidade étnica depende da cultura familiar, ou até mesmo da identificação do indivíduo com sua terra, seu povo, ou dos seus descendentes.
- **Identidade nacional** - é relativa ao país de origem ou residência por tempo prolongado, continente e características geográficas, entre outras. Difere da

identidade étnica por não se basear tão fortemente em características como raça, descendência, entre outras. Em eventos internacionais de grande porte, como a Copa do Mundo, ocorre um fenômeno de exaltação do sentimento de patriotismo. Algo como uma identificação para com símbolos nacionais, como bandeiras e suas cores, o hino do país, talvez numa tentativa de mostrar aos outros o amor por sua pátria e intimidar o adversário.

A soma de todas estas identidades irá constituir a identidade pessoal do ser humano.

3.4.2 Perdas necessárias na construção da identidade

A identidade adulta não se é alcançada antes que o/a adolescente tenha elaborado e/ou concretizado o que podem ser consideradas as três “perdas” essenciais deste período:

- **perda do corpo infantil** - as transformações corporais que se dão a partir da puberdade são vividas geralmente com muita ansiedade pelo/a adolescente. Esses momentos são vivenciados com uma mentalidade ainda infantil, num corpo que se vai desenvolvendo de forma incontrolável. Uma identidade adulta baseada na responsabilidade e no auto-conhecimento só surgirá a partir da aceitação do próprio corpo, com todas as transformações próprias desta fase evolutiva e as suas componentes psicológicas;
- **separação dos pais** - o aspecto mais importante desta fase é o da dependência/independência dos filhos em relação aos pais e vice-versa. Os pais, até então idealizados e supervalorizados pelos filhos, passam a ser alvo

de violentas críticas e surge a necessidade de uma busca de figuras de identificação fora do âmbito familiar. Nessa busca, os/as adolescentes tentam substituir muitos aspectos das suas identificações familiares por outras mais enriquecidas, por novos elementos do âmbito social. Aqui começa a verdadeira socialização, num caminho que leva ao sentimento de individualidade;

- **perda da identidade infantil e busca de uma nova identidade** - a adolescência caracteriza-se por uma confusão de papéis, pois o/a adolescente, não sendo mais criança e não sendo ainda adulto, tem dificuldade em definir-se nas diversas situações da sua cultura. Cada avanço que faz para obter a sua independência deixa-o inseguro. Sendo assim, procura apoio do grupo onde deposita toda a sua confiança. A adesão a grupos, nesta fase, tem uma função importante para o estabelecimento de uma identidade adulta, pois facilita o distanciamento dos pais e permite novas identificações levando a novas configurações das personalidades. Durante algum tempo, o/a adolescente experimenta vários papéis, identificando-se com diferentes figuras ou grupos do seu meio social e assimilando valores e papéis fora do meio familiar. Nesta etapa da vida, pode-se assumir diferentes identidades, que podem ser transitórias, ocasionais ou circunstanciais. No caminho para atingir uma identidade adulta, o/a adolescente deverá fazer uma síntese de todas essas identificações, desde a infância. Só então, terá um caráter mais estável e permanente e, assim, a fase adulta será uma meta desejada e não temida.

A partir de agora, o/a adolescente pode experimentar o mundo de uma nova forma. Para, além disto, desenvolve a importante capacidade de entender

sentimentos e emoções, tanto de si mesmo como dos outros e ainda tem oportunidade de adaptar ao ponto de vista de outrem. Torna-se então capaz de se compreender e de se distinguir dos outros.

O pensamento que vai se desenvolvendo neste período, oferece ao/a adolescente um novo mecanismo para dar significado à sua própria existência, particularmente no que se refere a si próprio. O desenvolvimento pessoal durante este período representa um grande salto em frente, pois o indivíduo consegue ser mais complexo, compreensivo, empático e abstrato e ter uma perspectiva mais abrangente de si e dos outros.

3.4.3 Elementos na construção da identidade

OUTEIRAL, nos seus estudos sobre adolescência, afirma que, além da identificação, principalmente com os pais, chama a atenção os seguintes elementos na construção da identidade na adolescência:

- **o grupo de adolescentes** é um dos mais importantes na construção da identidade. Essa ocorre parcialmente com um ou outro amigo ou com a figura de um líder da turma. O grupo oferece situações variadas e múltiplas que são necessárias para o/a adolescente e jovem. As características dos amigos ou do grupo que o/a adolescente busca nos dão uma idéia, inclusive, de suas dificuldades. Os pais devem estar atentos às mudanças de amigos e de grupos de seus filhos/as adolescentes e inclusive, quando o/a adolescente defende demais um determinado grupo ou amigos;
- **personagens de grupos** musicais, atletas, astros de filmes ou televisão constituem também elementos importantes para a identificação. Às vezes a identificação é tão forte que o/a adolescente, fala como eles, veste-se da mesma forma e da mesma marca, assimilam suas maneiras de agir;
- **os professores** também são pessoas importantes para o/a adolescente se indentificarem e, neste sentido têm uma participação essencial no processo. Muitos adultos recordam de professores com os quais se identificaram.

A construção da identidade é um processo, que se dá com turbulências, com idas-e-vindas, provocando perplexidade e confusão nos adultos. (OUTEIRAL,1994, p. 72).

Estas vindas e idades criam uma situação de insegurança nos pais e acabam não sabendo como intervirem na educação dos filhos.

3.4.4 Crise de identidade

A adolescência é marcada por diversos fatores, mas, sem dúvida, o mais importante é a tomada de consciência de um novo espaço no mundo, a entrada em uma nova realidade que produz confusão de conceitos e perda de certas referências.

A busca do “eu” nos outros na tentativa de obter uma identidade para o seu ego é o que o psicanalista Erik Erikson chamou de “crise de identidade”, o que acarreta angústia, passividade ou revolta, dificuldades de relacionamento inter e intrapessoal, além dos conflitos de valores. Para Erikson, o senso de identidade é desenvolvido durante todo o ciclo vital, onde cada indivíduo passa por uma série de períodos de desenvolvimentais distintos, havendo tarefas específicas para serem enfrentadas. A tarefa de cada período é o desenvolvimento de uma qualidade específica para se enfrentar e que, ao mesmo tempo, é o desenvolvimento de uma qualidade específica do ego. Para esse autor, dos 13 aos 18 anos, a qualidade do ego a ser desenvolvida é a identidade, sendo a principal tarefa adaptar o sentido do eu às mudanças físicas da puberdade, além de desenvolver uma identidade sexual madura, busca novos valores e faz escolha ocupacional.

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que

percebe ser a maneira como os outros o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele.

Portanto, a construção da identidade é pessoal e social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre o indivíduo e o meio em que está inserido.. Esse autor enfatiza, ainda, que a identidade não deve ser vista como algo estático e imutável, como se fosse uma armadura para a personalidade, mas como algo em constante desenvolvimento.

Como vimos, entre os aspectos importantes no desenvolvimento da identidade está o controle vital, ou seja, as fases ou períodos da vida que o indivíduo atravessa até chegar à idade adulta, que são marcados por crises apresentadas como situações a serem resolvidas.

Entre as indispensáveis coordenadas da identidade está o ciclo vital, pois partimos do princípio de que só com a adolescência o indivíduo desenvolve os requisitos preliminares de crescimento fisiológico, amadurecimento mental e responsabilidade social para atravessar a crise de identidade. De fato, fala-se da crise de identidade como o aspecto psicossocial do processo/a adolescente.

Desta forma, o grande conflito a ser solucionado na adolescência é a chamada crise de identidade e essa fase só está terminada quando a identidade tiver encontrado uma forma que determinará, decisivamente, a vida ulterior. É importante entender que crise, adotado por Erikson, não é sinônimo de catástrofe ou desajustamento, mas de mudança; de um momento crucial no desenvolvimento onde há necessidade de se optar por uma ou outra direção, mobilizando recursos

que levam ao crescimento.

É no período da adolescência que o indivíduo vai colocar em questão as construções dos períodos anteriores, próprios da infância. Assim o/a adolescente e jovem assediado por transformações fisiológicas próprias da puberdade precisa rever suas posições infantis frente à incerteza dos papéis adultos que se apresentam a ele. É aqui que o autor se refere à “moratória psicossocial” durante a qual o jovem adulto, através da livre experimentação, poderá encontrar seu espaço na sociedade que é definido e, entretanto, parece ser exclusivamente feito para ele.

A crise de identidade é marcada, também, por uma confusão de identidade, que desencadeará um processo de identificações com pessoas, grupos e ideologias que se tornarão uma espécie de identidade provisória ou coletiva, no caso dos grupos, até que a crise em questão seja resolvida e uma identidade autônoma seja construída.

É exatamente essa crise e, conseqüente confusão, de identidade que fará com que o/a adolescente parta em busca de identificações, encontrando outros iguais e formando seus grupos. A necessidade de partilhar suas angústias e padronizar suas atitudes e idéias, faz do grupo um espaço privilegiado, pois nele há uma uniformidade de comportamento e hábitos.

Com o tempo, algumas atitudes são internalizadas, outras não, algumas são construídas e o/a adolescente, aos poucos, percebe-se portador de uma identidade que, sem dúvida, foi social e pessoalmente construída. (ERIKSON, 1972, p.128).

3.5 Novos tempos, novas famílias, novas relações

Entre o mundo infantil, feito de submissão, e o mundo adulto marcado pela autonomia, está a adolescência que é vivida a partir de uma inegável singularidade: é a fase da vida em que se inicia a busca da autonomia marcada por perdas, transformações e construção de identidade pessoal e social e por uma atitude de experimentações e identificações.

Nem sempre a adolescência foi uma fase supostamente conhecida, estudada e valorizada.

No século XVIII apareceram as primeiras tentativas de definir claramente a adolescência. Mas, somente no século XX que nasce o/a adolescente moderno, típico, exprimindo uma mistura de pureza provisória, força física, espontaneidade e alegria de viver, o que tornou o adolescente o herói do século. O século XX foi o “século da adolescência.” A partir deste momento, passou a haver interesse sobre o que o/a adolescente pensa, faz e sente. Definiu-se claramente a puberdade e as mudanças psíquicas, para que se tivesse a imagem do/a adolescente atual. O/a adolescente apresenta toda uma caracterização própria dessa sociedade contemporânea. A grande maioria das questões ligadas à adolescência está diretamente relacionadas ao funcionamento da sociedade em que esse adolescente encontra-se inserido.

Os/as adolescentes se encontram com um mundo de escolhas que se deslumbram aos seus olhos. São livres para escolher entre as mais variadas religiões, deparam-se com diversos códigos morais e encontram-se frente a uma série de grupos diferentes, que têm crenças diferentes e proclamam práticas

diversas. Têm à sua frente um grande rol de possibilidades, vivem conflitos afetivos, sociais, morais e éticos por terem que escolher em uma sociedade em que as opções são inúmeras.

O que há de interessante na sociedade contemporânea é que, com certeza, a adolescência faz nascer um novo referencial, é como um novo nascimento: só que agora é o “recém-nascido” quem deve escolher o nome.

As mudanças profundas no ciclo vital, como um todo, altera a especificidade da experiência adolescente, que consistiu, sem dúvida, uma condição diversa daquela experiência feita pelos/as adolescentes há vinte anos. É preciso identificar quais são, de fato, as mudanças ocorridas. Talvez um dos maiores problemas seja a utilização de noções que acabam por obrigar processos diversos a que se tornarem demasiado elástico, acabam perdendo o seu poder explicativo. Outra dificuldade consiste em considerar esse processo de forma linear como se a realidade não comportasse práticas sociais que recobrem tempos históricos diversos.

A multiplicidade de tempos exprime a complexidade da realidade brasileira, que vive ao mesmo tempo, com o mais moderno e o mais arcaico. Tem-se, por exemplo, a crise da família que, atravessa quase um século, e mesmo assim não desapareceu. Ocorrem profundas transformações nas dinâmicas e nos arranjos familiares e vão surgindo novas formas, modelos de família, que não se pode mais referir à família no singular, por não existir um único modelo padronizado, mas sim “famílias”. Os novos modelos variam a família organizada não a partir de normas pré-estabelecidas, mas sim, como fruto de contínuas negociações entre seus membros e, nesse sentido, sua duração no tempo depende da duração dos acordos. A ênfase na capacidade de negociação dos sujeitos individuais, na família, elimina

diferenças de poder e desigualdade entre homens e mulheres, adultos, crianças, jovens, adolescentes, idosos, diferenças que são socialmente construídas e normalizadas.

A modernização da família no Brasil nunca será um processo linear e simples, pois, como já vimos, o arcaico coexiste com moderno e às vezes de maneira angustiante e paradoxal.

Há uma descentralização da função educativa da família. Hoje ela divide com diferentes agentes sociais a função que antes era exclusivamente sua. Esses agentes como: mídia, escola e outras instituições, ao impor, através da persuasão, práticas, padrões de comportamento considerados normais, disputam com a família o papel de agente educativo e em geral de maneira opressora.. Mesmo assim a família não foi destruída da importância de seu papel de impor modos de pensar e agir dominantes.

Os novos tempos exigem novas relações familiares e ainda mais que a família experimenta uma crise estrutural e social.

A autoridade familiar justificava-se enquanto garantia a seus membros proteção, calor e a propriedade hereditária. A partir do momento que a família deixou de garantir a vida material de seus membros e protegê-los contra o mundo exterior, tal autoridade tem a eficiência reduzida. “Os laços familiares são fragilizados. O próprio casamento tornou-se uma relação de troca. Não podemos alimentar a fé ingênua na vigência absoluta da família” (CANEZIN, 2002, v. 5. n. 1).

As relações familiares na sociedade pós-moderna têm uma característica própria que deve ser construída dia por dia uma vez que não existe normas pré-estabelecidas, nada estático, mas tudo provisório, mudanças rápidas, uma

globalização como resultado da expansão da mídia. Mas, uma coisa é certa: para o/a adolescente a família é um ponto de referência, de segurança e proteção, não importa a forma estrutural da mesma.

3.6 Relacionamento entre pais e filhos

A família é o espaço privilegiado da educação do/a adolescente que se encontra numa fase de grandes transformações, dúvidas e busca da própria identidade. O acréscimo de ausência e abandono dos pais em relação aos filhos traz conseqüências desastrosas. A fragilidade dos laços matrimoniais e a multiplicação das separações dos pais agravam a situação. E, muitas vezes, o pai desaparece dos horizontes do/a adolescente com trágicas conseqüências. Muitos pais tentam compensar sua ausência com bens materiais, mas nada sacia a sede de afeto e presença. Os pais ausentes transmitem ao filho/a adolescente, um sentimento de culpa, disfarçada em várias formas de compensação. Outros vão pela superproteção que faz igual ou pior devastação afetiva nos filhos. Estes nunca criam consistência interna, não se preparam para se inserirem na vida social e profissional, podendo criar complexo de inferioridade.

Os problemas conjugais dos pais afetam profundamente o/a adolescente. Quanto mais violentos e mal conduzidos e resolvidos forem, mais afetarão a todos em casa. É daí que surgem os traumas infantis. A presença constante de mães frustradas, frágeis e inseguras emocionalmente, sem condição de compreenderem a si mesmas, transferem a insegurança aos filhos. Há pais que impedem os filhos de serem autônomos, adultos.

Na família cada um tem o seu lugar, sua função e seu espaço. A confusão de papéis, provoca muita confusão e deformação na educação e relacionamento. Pais, são pais. São pontos de referência fundamental de que necessitam os/as adolescentes. Pais que para serem modernos assumem atitudes de adolescentes, tornam-se ridículos.

Muitas vezes falta aos pais a autoridade no sentido etimológico do termo. Autoridade tem, na sua raiz, o verbo latino “augere”, que significa crescer, aumentar, fazer crescer. Os pais exercem autoridade quando com sua personalidade e autoridade e mais o seu modo de ser, ajudam os/as filhos/as a crescerem em todos os níveis.

Numa relação familiar sadia devem estar presentes: ternura e vigor, amor e verdade, tapas e beijos, razão e afetividade, estímulo e freio, alegria e repreensão, abrir horizontes e estabelecer limites, tolerância e firmeza, escuta e fala, presença e reserva, liberdade e disciplina, opções e responsabilidades.

A tentação da cultura pós-moderna é propor modelos de paixões - grandes adolescentes - que passam a si comportar como colegas de seus filhos, perdem, com este comportamento, o respeito que merecem e deixam de ser ponto de referência que o filho/a adolescente tanto precisa.

Por outro lado, o filho não pode ocupar o lugar dos pais. O/a adolescente acha que já é amadurecido suficientemente a ponto de não precisar dos pais. Às vezes encontra-se adolescentes ditando as normas da família, ameaçando pais e pior ainda quando moram com avós e os ameaçam. Passam a ter um relacionamento falso com seus pais, não dizem a verdade dos fatos para os eles mas o que ele imagina ser assimilado por eles e em outros ambientes e com colegas, usa a mesma linguagem da verdade. Esses filhos não são filhos, não

ocupam seu lugar e sim o espaço adulto precocemente.

Ser filho é ouvir os pais, dialogar com eles, escutar-lhes as razões e contrapor as próprias num clima de aproximação da verdade e da realidade.

Na relação pais-filhos, é preciso um ambiente de segurança afetiva, de satisfação de suas necessidades básicas físicas e psicológicas. A atitude básica desta relação é a empatia que estabelece entre pais e filhos uma relação afetiva tal que o/a adolescente sente ao mesmo tempo, reconhecido e amado. Tudo o que se diz e se faz é dito por amor e por nenhuma outra motivação. A melhor força nesta relação é a persuasão, onde está em jogo o bem do filho/a adolescente. É um processo lento, difícil e requer muita paciência, escuta, conversa, presença e cuidado, dando sempre a razão, o porque das normas, dos limites. Esta atitude tem força. Outra atitude na base da imposição, gritos e não do afeto, trarão efeitos desastrosos.

O/a adolescente tem uma relação mais amadurecida com seus pais e não uma dependência infantil. Está em busca de autonomia e não se contenta com uma simples obediência a normas que, muitas vezes, encobertam pobreza de espírito, indecisão, insegurança, medo da liberdade. Autonomia não é anarquia e libertinagem. Os limites e normas devem ser claros e objetivos e apresentados com firmeza e segurança. O/a adolescente deve tomar decisões pessoalmente, orientadas e acompanhadas pelos pais e educadores, levando em consideração a objetividade dos fatos, os fatores importantes implicados nas situações e sabendo que deverá assumir as conseqüências de suas opções com responsabilidade e competência. Precisam internalizar as normas, a lei moral, os princípios e os valores fundamentais não sob pressão e inconsciência, mas acatada e livremente. A autonomia, fundamenta-se no respeito mútuo. A família ajuda o/a adolescente a ir

criando lentamente a autonomia, interiorizando os valores, buscando equilíbrio entre liberdade e razão, afetividade e obrigação.

A família leva o/a adolescente a saber renunciar a um prazer imediato por uma razão de horizontes mais amplos. É um exercício de discernimento que pertence ao cotidiano e uma relação normal e sadia entre pais e filhos. Assim o/a adolescente vai adquirindo a capacidade de discernimento, de autocontrole diante das situações da vida, e os pais vão assumindo sua tarefa de primeiros educadores no sentido etimológico do termo “educar” - dos verbos latinos “educare” e “aducere”. Na raiz a palavra “dux” – chefe - mais que conduz a criança. Significa a ação de tirar para fora, trazer à luz, aquilo que já existe dentro do/a adolescente (LIBÂNIO, 2004, p. 167).

Os pais não precisam ficar temerosos por passarem a ser assessores dos filhos. Esta situação é um espaço para aprofundar e expandir relações mais amadurecidas, criando espaço para a educação ao afeto.

3.7 Família, adolescente e escola

A escola é um espaço de socialização e de construção da identidade do/a adolescente com a família.

Escola e família desenvolvem a formação de hábitos, estabelecem limites e normas, que bem orientadas, ajudam o/a adolescente na busca de sua autonomia e construção de identidade.

O/a adolescente julga que é obrigado a estudar muita coisa unicamente para tirar boas notas e assim, não criar problemas para si e para a família. Aqui está a cause de sua revolta, motivo pelo qual muitos deixam de estudar e passam a trabalhar por ter um retorno mais imediato e por desejar ser independente financeiramente também dos pais. Por ter um retorno mais imediato, o trabalho torna-se mais atraente. É difícil para o/a adolescente entender que esta fase

representa a aquisição de uma cultura geral muito importante para a escolha de uma profissão e ter maiores conhecimentos mais tarde. Contribuirá para o seu crescimento intelectual futuro. Interesses imediatos, aquisição de certos privilégios no momento podem forçar um amadurecimento precoce e queimar etapas de seu desenvolvimento. Mais tarde arrependerá de ter deixado os estudos. O/a adolescente precisa entender que o estudo, nesta fase de transição é necessário para que depois ele possa estudar o que deseja. Deve percorrer este caminho com calma, aproveitando o que lhe for oferecido no sentido de atingir sua meta.

É natural sua revolta contra a escola, porque, os professores, coordenadores e diretores representam autoridade dos pais, da qual está tentando libertar-se. Não nutrem para com eles aquela admiração, respeito e confiança de quando criança. Agora contesta, discute, testa sua capacidade e até seus deslizes são motivos de chacotas e de risadinhas críticas. O estudante adolescente está sempre na ofensiva, sempre pronto a fazer perguntas embaraçosas ao professor, algumas delas até disparadas para chamar a atenção dos colegas sobre si.

Pais e professores tornam-se ultrapassados, apenas ensinam e aconselham coisas que não interessam e, por isso, insuportáveis. Tirar nota baixa para o/a adolescente é injustiça, já que, o professor não é aceito e está sempre pegando no seu pé.

O professor de um adolescente deve, em primeiro lugar assumir a realidade do seu trabalho. É preciso desalienar as relações pedagógicas. Paulo Freire, diz que, ensinar exige comprometimento. A apreciação do aluno é boa para o professor, para que reveja sua prática pedagógica. "A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo mas também de como o aluno entende como atuo" (FREIRE, 1996, p. 97). E o mesmo autor continua refletindo que

é claro que o professor não vai perguntar continuamente aos alunos o que acham de sua atuação, mas deve estar atento à leitura que fazem de sua atividade com eles. É preciso entender o significado de um silêncio, de um sorriso e até mesmo da retirada de um aluno da sala.

Grande tarefa da família e da escola é trabalhar para que a necessidade de limites seja assumida pelo/a adolescente com ética e liberdade. A liberdade se exercita assumindo decisões. O confronto da liberdade com outras liberdades, amadurece-a, na defesa de seus direitos em face da autoridade de pais e professores e até Estado. O/a adolescente nem sempre toma a melhor decisão em relação ao seu futuro. É preciso que pais e professores tomem parte das discussões com os filhos e alunos em torno desse amanhã. A decisão é um processo responsável. Uma das tarefas dos pais e escola é deixar bem claro para o/a adolescente que sua participação no processo de tomada de decisões deles não é intromissão, mas um dever, até, desde que não tomem decisões por eles. Pai e mãe tornam-se assessores do filho e filha e sua autoridade não é rebaixada. Seu relacionamento com o filho/a adolescente é em nível mais amadurecido e partilhado e não de dependência infantil.

A decisão é fundamental na busca da autonomia e o/a adolescente precisa assumi-la com ética e responsabilidade. A autonomia é tecida por várias experiências de decisões tomadas (FREIRE,1996, p.107). Escola e família devem se preocupar em educar o/a adolescente para e na autonomia, sem medo de perder a autoridade. A maior dificuldade de um adolescente é aceitar uma autoridade imposta. A autoridade pode adquirir um espaço importante no conjunto de valores do/a adolescente quando se constrói através da conquista e do respeito e não submetendo o/a adolescente à pressão.

3.8 Redescoberta da família como espaço de bem estar

É interessante observar que, apesar de tantos problemas e dificuldades em todos os níveis, o/a adolescente vê na família o ponto de referência, espaço de segurança, cuidado, independente de sua forma estrutural. Normalmente, a figura da mãe é mais marcante e transmite segurança e acolhimento.

É a família que acompanha todas as transformações que acontecem na adolescência. É nesse espaço que o/a adolescente precisa encontrar acolhimento, compreensão e cuidado para a construção de sua identidade com calma, serenidade, ocupando seu espaço na família e na sociedade.

Fica difícil para um adolescente, quando quem deveria proteger e acolher, que é a família e de modo especial a mãe, permanece insensível e alheia à sua experiência, quando não sofre rejeição e pior ainda se for por causa do companheiro ou companheira.

O/a adolescente estabelece novos vínculos com a família e a sociedade, não mais como na etapa infantil, mas dentro de um círculo de relações mais amadurecidas, aliás, esta é uma tarefa básica da adolescência.

Já existem famílias, onde pais e filhos aprendem a sentar-se à mesa, discutir, sem imposição, dividirem tarefas até mesmo as caseiras: picar verdura, varrer, lavar roupas, fazer compras. Esta atitude fortalece o senso de pertença e de participação. Neste sentar-se à mesa, invocam-se unicamente argumentos da razão e da verdade do discurso. Essa maneira é excelente para educar na autonomia com participação, alimenta relações de reciprocidade, trata as pessoas como deseja ser tratado, superando o individualismo e o egoísmo.

Apesar da instabilidade da família e da crise de relacionamento no seu interior, no contato com as adolescentes foi percebido que para todos eles o espaço familiar é o mais importante para o seu amadurecimento, pois, aí recebem orientação para viverem no mundo, apoio, conversa e conselho. É nela que mais confiam, recebem carinho e cuidado. Quando se referem a uma família diferente, situam-se no nível de relações entre os esposos, pais e filhos, irmãos entre si. A separação dos pais é uma dor que dói no/a adolescente. Gostariam de ter pai e mãe juntos. Nos casos de pais no exterior em busca de melhores condições financeiras, o/a adolescente sempre sente tristeza e os bens materiais não foram citados em nenhum momento. Alguns até chegam a dizer: “Tem pais que acham que podem comprar os filhos com dinheiro e presentes.”. Os pais são responsáveis pelo ambiente de bem estar, alegria e acolhimento no interior da família.

Fazer da família um espaço de bem estar exige respeito a autonomia do filho/a adolescente e estes por sua vez, devem acolher com respeito os pais. É certo que o respeito que terão para com ele, implica o respeito dos pais entre si e cada um por si mesmo. Como canta Legião Urbana, “Você culpa seus pais de tudo. Isso é um absurdo” (Legião Urbana).

O respeito à autonomia do/a adolescente é um imperativo ético e não um favor que concedem a ele. Pais que desrespeitam a curiosidade do filho, o seu gosto estético, sua inquietude, sua linguagem, que o ironiza e o minimiza, que manda que “ele fique no seu lugar” diante de pequenos atos de rebeldia, natural na adolescência, transgride os princípios éticos. Pais autoritários afogam a liberdade do filho, sua curiosidade e inquietação. Mas, a permissividade leva aos mesmos resultados. É preciso bom senso para exercer a autoridade, tomando decisões, colocando limites e normas claras e objetivas com a participação do/a adolescente. Não existe contradição entre autoridade e liberdade. Bem dosada, a autoridade gera segurança e serenidade; a liberdade gera responsabilidade e consciência crítica. (FREIRE,1996,p.59).

A autoridade é ampliada, reconhecida e acolhida num clima de acolhimento, de ternura, de respeito, cuidado e muito amor; amor gratuito sem tantas

cobranças muitas vezes sem sentido e sem objetivo claro.

3.9 Ouvindo os clamores dos/as adolescentes

O/a adolescente considera a família como ponto de referência, espaço de aconchego e proteção, não importando, para a maioria, o tipo de estrutura familiar e alguns até valorizam muito a família ampliada, estendendo-a a parentes, amigos e dizem mesmo que “não precisa ser pai e mãe, irmãos, nem precisa ser de sangue, são pessoas que você ama e pode confiar, pode ser até de pais separados, o que importa é o amor que os une” (*J 16 anos*).

Alguns fazem questão de considerar a família bem estruturada: pai, mãe e filhos, todos amigos, confiantes e abertos ao diálogo e acentuam a necessidade de princípios morais e cristãos, colocando como base da família a religião, como fundamento da busca de união e amor. Os princípios religiosos são o alicerce da família. “Sem a religião, a família não é nada” (*W 17 anos*).

“A família precisa ser feliz e alegre” (*J 14 anos*). “Que o pai, cumpra seu papel de pai, mãe cumpra sua tarefa de mãe e filho o papel de filho, acolhendo as diferenças e dificuldades uns dos outros e respeitando-se mutuamente. É preciso enfrentar as dificuldades juntos: erros e acertos” (*F 18 anos*). Neste sentido, Libânio reflete quando escreve sobre a família. “Na família aprende cada um a permanecer no seu lugar. E, quando os papéis se embaralham, segue-se deformação na educação.” (LIBÂNIO, 2004, p.168).

O/a adolescente clama por uma família feliz, alegre, divertida: saídas juntos, refeições juntos, lazer, brincadeira; por uma família que seja o espaço de

aconchego, harmonia, diálogo, compreensão, escuta, carinho, que haja mais comunicação. “A família precisa sair todos juntos, tomar refeição junto, brincar” (*MH 15 anos*).

O/a adolescente quer uma família diferente onde haja “diálogo em situações problemáticas, compreensão, paciência e escuta das coisas como elas são” (*E 15 anos*). Admite discussões, mas, não aceita brigas e falta de respeito entre os pais ou entre mãe e companheiro ou pai e companheira. “Na família tem que ter respeito entre pai e mãe e todos” (*L 16 anos*). Este tipo de relação gera medo e insegurança.

Os/as adolescentes desejam participar das decisões, discussões familiares. Esta participação confirma e fortalece seu sentimento de pertença e o ajuda na co-responsabilidade e na construção de sua identidade e liberdade responsável. “A gente tem que participar as decisões e problemas da família e aceitar as diferenças” (*P 16 anos*).

Sintetizando, os clamores mais fortes ouvidos dos/as adolescentes foram: Que nas famílias haja; carinho, amor, união, ajuda, apoio, respeito, amizade, alegria, escuta, acolhida das diferenças e de cada pessoa, confiança, comunicação, participação, lugar de encontro, mais liberdade, acompanhamento dos filhos pelos pais.

O/a adolescente não rejeita a correção dos pais, ao contrário valorizam-na, mas dizem que “os pais precisam saber o que eles têm a dizer, eles devem saber o que vão dizer, como vão dizer, o que os filhos precisam saber” (*AL 15 anos*). Disseram claramente que têm pais que acham que vão “comprar” os filhos com presentes e dinheiro mas eles não querem isto. “Os pais acham que compram os filhos com coisas e dinheiro. A gente não quer isto” (*F 14 anos*). Querem ser

ouvidos, entendidos, amados e serem pessoas importantes para os pais. Uma adolescente colocou um piercing na sombrancelha e ficou esperando a reação da mãe. Os dias foram passando e a mãe nada percebia. O diretor da escola observou e se preocupou com a situação e a adolescente respondeu: “O senhor notou? Pois a minha mãe não se importa comigo, não me enxerga. Até hoje ela não viu nada de diferente em mim” (*M 15 anos*).

Aparentemente, o/a adolescente rejeita os pais, mas lá dentro mesmo, o que eles sentem é a necessidade de sua atenção, interesse, orientação, carinho, aconchego, coisas que eles mesmos expressaram com tanta espontaneidade.

CONCLUSÃO

Conclui-se aqui a rápida viagem pelo mundo da adolescência. Muito se tem a considerar e descobrir nesta etapa de tantas oportunidades. O olhar foi a vontade de diminuir o sofrimento do/a adolescente, conhecendo um pouco mais de perto esta etapa tão rica, alegre, agitada, mas que exige muita paciência, amor, cuidado, empatia e persuasão.

A adolescência precisa ser olhada de maneira diferente e as relações com eles devem tomar outro rumo. Empatia, persuasão e presença significativa são elementos que devem estar presentes a todo momento e juntando a tudo isso, um grande amor, na vida dos pais e educadores.

Há muitos pais que não são qualificados, preparados para educar um filho/a adolescente e tem professor que precisa assumir a realidade de sua ação pedagógica juntos aos/as adolescentes.

A família é a primeira instituição afetada pelo contexto pós-moderno e se encontra desorientada, sem saber como agir, sem ponto de referência para sua própria sustentação afetiva, econômica e relacional. Toma atitudes extremas de permissividade ou de autoritarismo. Ora castigando por uma pequena rebeldia, própria da adolescência, ora omitindo-se em situações em que o/a adolescente necessita de alguém que coloque limites e normas objetivas e claras com firmeza e bondade.

Os pais têm que se lembrarem que a educação dos filhos começa na primeira infância. Se quando pequena, tudo que a criança faz é bonito, engraçado e não se corrige, quando é necessário, alegando ser ela muito pequena, quando for

adolescente, por uma pequena rebeldia, se castiga, grita, agride para colocar ordem. Tudo é ilusório, pois autoridade não se impõe, mas se constrói.

O/a adolescente também é afetado pelo contexto pós-moderno. Além de todas as transformações que enfrenta, procura um ponto de referência na família e não encontrando, tomam conta da situação, chegando mesmo ao ponto de pais, professores, avós terem medo do/a adolescente. Quando isto acontece, a situação fica muito difícil. A família torna-se pesadelo para os filhos e os filhos tornam-se pesadelo para os pais.

A escola, primeira parceira da família, pouco ou nada poderá fazer, se a família é de uma constante ausência, entregando-lhe toda a responsabilidade da situação.

A situação fica mais séria quando surgem os namoros na escola. Escola e família devem se unir para um bom acompanhamento e orientação, educando o/a adolescente para o afeto, respeito e liberdade responsável. Proibir é negar o amor e sugerir saídas piores. É melhor escutar, ponderar e acompanhar.

O mesmo se diz para o uso da droga, do álcool, para a gravidez precoce. É preciso conhecer a realidade do/a adolescente, usar a pedagogia do cuidado, do acompanhamento e do interesse como fez Jesus de Nazaré diante do/a adolescente epilético: “Desde quando ele está assim?” (Mc,9,21). Com esta pergunta, Jesus entra na realidade histórica do/a adolescente, interessa-se por ele.

O/a adolescente toma certas atitudes não é para aborrecer os pais, os educadores, mas é para ver se consegue ser visível aos seus olhos, quebrar a indiferença dos pais e educadores.

Se é próprio da adolescência ter “a sua turma”, a escola encontra aí, nesta

tendência grupal uma ótima saída para um proposta pedagógica com uma metodologia mais participativa, porque o/a adolescente gosta de participar, trabalhar em grupo, produzir coletivamente o conhecimento, interpretar, avaliar, auto avaliar-se, cooperar, trabalhar as competências sociais e cooperativas tão necessárias para a sua aceitação no grupo e na sociedade, e para construir e manter um clima de confiança recíproca. O/a adolescente, com certeza, se envolverá no processo ensino aprendizagem, se sentirá bem no grupo e desenvolverá suas potencialidades e oportunidades de liderança, cooperação, avaliação, interação com colegas e professores. (DÉBORA,1997, p. 40).

Talvez o grande problema que o/a adolescente vem apresentando na escola é porque, vivendo num mundo de sons, movimentos e imagens, um mundo virtual que o fascina e envolve, encontra-se numa escola, onde a sua pessoa, os seus valores e capacidades, seus sentimentos, não são prioridades. Recebe uma “educação bancária” (FREIRE,1996, p. 25), onde periodicamente é feito a “saque” pelo professor, sem nenhuma participação pessoal a não ser a repetição.

Para o crescimento e desenvolvimento, o/a adolescente precisa de espaços e condições que possibilitam que isso aconteça. As instituições foram construídas como estes espaços e com esta tarefa, principalmente no que diz respeito à educação e socialização do/a adolescente, marcando forte presença em sua vida.

Apesar de suas rebeldias, críticas, questionamentos e reações à forma como a escola e família agem, na maioria das vezes de forma autoritária, o/a adolescente, não deixa de reconhecer a sua importância.

Observa-se uma nova re-configuração acontecendo na escola e na família, seja para manterem com autoridade, seja para acompanharem os tempos

pós-modernos.

O trabalho não pretende esgotar a pesquisa e a discussão sobre o relacionamento do/a adolescente com a sua família, ao contrário, abre horizontes e curiosidades para que continue aprofundando esta etapa de vida tão rica de possibilidades.

Conclui-se que o relacionamento entre pais e adolescentes se dá numa situação conflitiva e turbulenta. Algumas poucas famílias conseguem passar por esta etapa com dificuldades, mas com tranquilidade e competência. Este relacionamento é influenciado por vários fatores: financeiro e econômico, social, político, afetivo, cultural e tecnológico. Mas, o/a adolescente não rejeita a família. Ao contrário, vê nela um espaço de proteção e cuidado. Rejeita o modo com é tratado. Deseja participar da vida familiar e ser acolhido nas suas diferenças. É a família que assessora o/a seu/sua filho/a adolescente na busca da autonomia e construção de identidade. O/a adolescente acredita numa outra forma de relacionamento familiar onde haja mais respeito, amor, partilha, corresponsabilidade, união, participação, entendimento mútuo e paz.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Rubem. **E aí? Cartas aos/as adolescentes e seus pais.** São Paulo: Seculum, 1999.

BALLONE, G.J. Internet. Adolescência e Puberdade. **PsiquWeb.** 2003. Disponível em <<http://sites.uol.com.br/gballone/infantil/adolesc2.html>>. Conectado em 15/09/2007.

_____. Depressão na adolescência. **PsiquWeb.** Disponível em Disponível em <<http://sites.uol.com.br/gballone/infantil/adolesc2.html>>. Conectado em 15/09/2007.

CASTRO, Afonso de. **Carisma para educar e conquistar: espiritualidade na educação salesiana.** São Paulo: Salesiana, 2002.

COSTA, Antônio Carlos Gomes. **Presença Pedagógica: da solidão ao encontro.** Belo Horizonte: Modus Faciendi. 1997.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FEIXAS, Carlos Generación@ La Juventud en la era digital, em Nómadas. (DIUC, Bogotá, 2000).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin et al. **Contribuições conceituais sobre juventude, família e escola.** In: Revista Educativa. Goiânia, v. 5, N. 1, 2002.

ITÓZ, Sônia de. **Adolescência e sexualidade para eles e para nós.** São Paulo: Paulinas, 1999.

LIBÂNIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade. Considerações socio-culturais e pastorais.** São Paulo. Loyola, 2004.

NOVELLO, Fernanda Parolari. **Psicologia da Adolescência: o despertar para a vida.** São Paulo: Paulinas, 2006.

OUTEIRAL, José Otoni. **Adolescer: estudos sobre adolescência.** Porto Alegre: artes Médicas, 1994.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia.** Tradução da professora D'AMORIM, Maria Alice e SILVA, Paulo Sérgio Lima. Rio de Janeiro: Farense Universitária, 1989.

WALDOW, Vera Regina. **Cuidado, o resgate necessário.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

_____ **O cuidado na saúde: as relações entre o eu, o outro, e o cosmo.**
Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Myriam Lins de. **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BIBLIOTECA on-line-Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%Adlia> – acesso em 06/10/2007
- CASTELLIS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- CORTE, Ana Paula. (Org). **Infância, adolescência e família**. Goiânia: Cãnone editorial, 2001.
- _____. **Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores e família**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.
- CRUZ; Gomes, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, Método e criatividade**. Petrópolis-RJ, 2002.
- DEMO, Pedro. Pesquisa: **Princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2005
- FORACCHI, Marialice M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: EDUSP, 1972.
- GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida**. São Paulo: Cortez::Instituto Paulo Freire, 1999.
- KILOSIOUSKI, Gunther. **A adolescência hoje: situações de conflitos e desafios**. Tradução de PEREIRA, Carlos Almeida. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.
- KALOUSTIAN, Silvio Manoug (Org). **Família Brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unicef, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado- Pedagogia da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MELLO, Luiz. **Novas famílias: Conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília Souza de (Org). Deslandes, Suely Ferreira; NETO Otávio Cruz; Gomes, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, Método e criatividade**. Petrópolis-RJ, 2002.

NIQUINI, P. Débora. **O grupo cooperativo: uma metodologia de ensino.** Brasília: Universa, 1997.

PEREIRA, Potyara Amazoneida. **Política Social, família e juventude: uma questão de direitos.** In: Mione, Apolinário Sales; MATOS, Aurélio Castro; LEAL Maria Cristina(Orgs). São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Convivendo com seu sexo:pais e professores.** São Paulo: Paulinas, 1999.

SOUSA, Sônia Maria Gomes e RIZZINI, Irene(Coord).**Desenhos da família: criando os filhos: a família goianense e os elos parentais.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: ILibertad,1995.

ANEXOS